



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA – CAMPUS JAGUARÃO
CURSO DE HISTÓRIA LICENCIATURA

NELSON LUÍS CORRÊA

EXPERIÊNCIAS E SENSações: UM ESTUDO DE CASO EM UM TERREIRO
DE CANDOMBLÉ ANGOLA NA CIDADE DE JAGUARÃO.

JAGUARÃO
2017

NELSON LUÍS CORRÊA

**EXPERIÊNCIAS E SENSações: UM ESTUDO DE CASO EM UM TERREIRO
DE CANDOMBLÉ ANGOLA NA CIDADE DE JAGUARÃO.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de História da Universidade Federal
do Pampa, como requisito parcial para
obtenção do Título em História-Licenciatura.

Orientadora: Prof^a Dra. Letícia de Faria
Ferreira.

**JAGUARÃO
2017**

NELSON LUÍS CORRÊA

**EXPERIÊNCIAS E SENSações: UM ESTUDO DE CASO EM UM TERREIRO
DE CANDOMBLÉ ANGOLA NA CIDADE DE JAGUARÃO.**

Monografia defendida no curso de História-Licenciatura da
Universidade Federal do Pampa- *Campus* Jaguarão, aprovado
em 11 de Janeiro de 2017 pela Banca Examinadora constituída
pelos seguintes professores:

Professora Dr.^a Letícia de Faria Ferreira - UNIPAMPA
Orientadora

Professor Dr.^o Caiuá Cardoso Al-Alam - UNIPAMPA
Examinador 1

Professor Dr.^o Edegar Rodrigues Barbosa Neto - UFMG
Examinador 2

**JAGUARÃO
2017**

Dedico este Trabalho de Conclusão de Curso aos meus pais Nilzo (1995) e Dilva (2009) *in memórian*. A meu filho Augusto que com sua juventude inspirou-me a retomar os estudos.

AGRADECIMENTOS

Os parágrafos que aqui escrevo sem dúvida são os mais difíceis no processo de escrita de um Trabalho de Conclusão de Curso. Sua dificuldade está na capacidade de não esquecer alguém, pois de uma forma ou de outra esta monografia precisou de vários personagens de diferentes “nações”, “casas” e formas de “iniciação”. O próprio autor desta também viveu pelo menos duas das situações acima ressaltadas.

Minha iniciação se deu um pouco tardia, em termos acadêmicos, mas como sempre frisava a Prof^a. Dr^a. Fernanda Maria Severo, em suas aulas de teorias tudo e todos têm seu tempo, portanto o que para muitos seria tarde, para mim foi meu tempo. E meu tempo, acadêmico, propiciou o convívio com jovens e outros nem tão jovens, mas que de alguma forma acrescentaram suas experiências as minhas.

Estes jovens foram: o Tiago, a Taiane, a Carol, a Débora, o Eleandro, Franklin, o Carlos, o Alex, que prematuramente abandonou o curso, o Mateus e o Emmanuel. Não posso esquecer outros jovens que se juntaram a estes, como: o Allan, o Marcel, a Shirley, a Bruna, o Bruno, a Renata, a Natália, a Rosana e sua paixão compartilhada por bandas marciais de escolas, ao Edegar que apesar de nossas brigas fazendo os trabalhos juntos eu credito minha melhora a esse companheiro de iniciação, há todos vocês muito obrigado por terem vivido essa experiência junto comigo.

Os não tão jovens, mas também de fundamental importância meu muito obrigado, a você Clayton, ao Alzemiro, ao Toni, a Zilma, ao Moises e suas interrupções da aula para passar vídeos que não tinham relação com o tema em debate, não é Prof^a Ariana Fraga? A outro não tão jovem e meu amigo de alguns anos o Carlos Cardoso, popular Tomate, a vocês todos muito obrigado.

Estes primeiros foram meus parceiros de “barco”, que na língua dos terreiros significa fazer o santo de várias pessoas ao mesmo tempo, mas para que as vasilhas cerebrais pudessem ser preenchidas minha cabeça e a de vocês precisava ser tocada ou ter posta sobre ela a mão de alguém. E tive, eu contei com excelentes Pais e Mães de Santo de Santo (Professores/as), que a seu modo transmitiram seus ensinamentos, duas delas eu já citei e venho agora agradecer a outros.

Mas não posso deixar de fora, o Prof^o. Artur, que apesar de não ser da instituição UNIPAMPA, muitas aulas tive com ele fora do *campus*, obrigado. Obrigado ao Prof^o Rafael, ao Prof^o Guinter, ao Prof^o. Vagner e sua Humanidade Liquida, ao Prof^o Edison e suas aulas sobre o medievo e os puxões de orelha pela falta de leitura, esse vale para todos os demais professores, a Prof^a Cássia, que me ajudou a entender um pouco sobre o

simbolismo na história através de Dolf Oehler em “A semântica do Junho de 1848 e sua crítica pela modernidade literária; in: O velho mundo desce aos infernos: auto-análise da modernidade após o trauma de junho de 1848 em Paris”, a Profª Renata que apesar do pouco tempo em sala valeu.

Falei que estes parágrafos seriam os mais difíceis, mas até aqui não estou deixando ninguém de fora, por isso que retomo o “panteão” dos professores, para incluir o professor Jônatas e sua didática de como ensinar história, também ao professor Caiuá, que é estranho chamá-lo de professor, pois nos conhecemos desde o início dos anos 2000, ambos fazendo movimento, ele não parou, eu estou em compasso de retirar medidas trincheiras. Estes foram meus Pais e Mães de Santo que conduziram os ensinamentos teóricos, pois o empírico eu já possuo.

Aos pais, mãe de santos caciques verdadeiros e principais responsáveis por este trabalho, como o Pai Evandro D’Ogum, Pai Marcio D’Ogum Olobedé, Cacique Degoule Teixeira Caboclo Ubirajara e Exú da Meia Noite, Cacique Ana D’Iansã, Mãe Iara D’Xangô Aganju, Cacique Liniara D’Iansã, Cacique Delacir D’Bará, Mãe Rosane D’Oxalá, Cacique Simone D’Iansã, Mãe Fany D’Iemanjá, Mãe Iara D’Xangô Agodô e Oxum Epandá, Pai Lauro D’Xangô, Cacique Saionara D’Iansã Exú Abanada, Cacique Lú D’Oyá, Cacique Paulinho D’Xangô, Pai Tiquito D’Oxalá, Cacique Dona Negrinha Caboclo Arranca Toco, muito obrigado a todos por terem aberto as portas para minha visita.

E o que seria deste etnógrafo/historiador se não fosse a ajuda de alguns familiares, como minha irmã e madrinha a Tia Verinha como é chamada por seus sobrinhos e irmãos. A minha companheira, Ana Maria da Conceição, que há doze anos tem segurando todas as barras pesadas e enfrentado os percalços que a vida nos impõe, por isso que eu estou escrevendo este trabalho a vocês duas muito obrigado.

E para finalizar e não pensarem que me esqueci quero agradecer a quatro novas mulheres que passam a fazer parte da minha vida, uma que me ajudou muito na orientação e escolhas à minha colega professora Letícia de Faria Ferreira, companheira de andanças e aprendizados sobre as religiões de matiz africana e as outras três são Dona Beca, que sempre de bom humor e braços abertos me recebeu em sua casa, Edina que com sua sabedoria me conduziu pelos caminhos e Mãe Nice D’xangô, que além de ser o motivo desta monografia iniciou-me um pouco nos ensinamentos da religião, a cada uma a sua maneira guiaram-me nos conhecimentos que eu carregarei para sempre, mas o mais importante elas me receberam em suas casas como mais um filho que

ganharam ou um irmão que retorna depois de longo tempo fora, a vocês todos e todas muito obrigado pelo carinho, ajuda e ensinamentos.

“[...] Dificílimo acto é o de escrever, responsabilidade das maiores, basta pensar no extenuante trabalho que será dispor por ordem temporal os acontecimentos, primeiro este, depois aquele, ou, se tal mais convém às necessidades do efeito, o sucesso de hoje posto antes do episódio de ontem, e outras não menos arriscadas acrobacias, o passado como se tivesse sido agora, o presente como um contínuo sem princípio nem fim, mas, por muito que se esforcem os autores, uma habilidade não podem cometer, pôr por escrito, no mesmo tempo, dois casos no mesmo tempo acontecidos [...]” (José Saramago; A Jangada de Pedra, edição comemorativa ao Nobel de Literatura 1998)

“[...] Vivem em nós inúmeros, se penso ou sinto, ignoro quem é que pensa ou sente, sou somente o lugar onde se pensa ou sente, [...]” (José Saramago; O Ano da Morte de Ricardo Reis, 8ª edição 2000)

“[...] ao principio, àquele nada que esteve antes do principio, o nada é verdade que existe, é o antes, não é o depois de mortos que entramos no nada, do nada, sim, viemos, foi pelo não ser que começamos, e mortos, quando o estivermos, seremos dispersos, sem consciência, mas existindo”(José Saramago; O Ano da Morte de Ricardo Reis, 8ª edição, 2000).

RESUMO

O objetivo da monografia aqui apresentada é participar do debate existente e realizado no campo das ciências humanas com relação às religiões de matriz africana presente no cotidiano social brasileiro. Para efetivar esta participação, o presente trabalho realizou um estudo de caso junto ao Centro Espírita de Umbanda e Afro Reino de Ogum, Abassá de Xangô e Oxum, localizado na cidade de Jaguarão, onde, com o auxílio das teorias e metodologias etnográficas, busco evidenciar a trajetória da Yalorixá Nice de Xangô, Mãe de Santo do referido terreiro. Para além do exposto, a pesquisa reflete sobre os aspectos que envolvem as relações entre pesquisador e seu objeto. A pesquisa se propõe, também, descrever o funcionamento da Casa, bem como identificar as diferentes vertentes cultuadas na mesma, suas características e seus significados e compreender a definição de família e caracterizar a existência ou não de uma hierarquia.

Palavras - chave: Religiões de matriz africana; Etnografia; Família; Hierarquia.

RESUMÉN

El objetivo de la monografía aquí presentada es participar del debate existente y realizado en el campo de las ciencias humanas con relación a las religiones de matriz africana presentes en el cotidiano social brasileño. Para concretizar esta participación, el presente trabajo realizó un estudio de caso junto al Centro Espírita de Umbanda y Afro Reino de Ogum, Abassá D’Xangô y Oxum, localizado en la ciudad de Yaguarón, donde, con auxilio de teorías e metodologías etnográficas, busco evidenciar la trayectoria de la Yalorixá Nice D’Xangô, “Mãe de Santo” del referido centro. Más allá de lo expuesto, la investigación reflexiona sobre los aspectos que envuelven las relaciones entre investigador y objeto. La investigación se propone, también, describir el funcionamiento de la Casa, bien como identificar las diferentes vertientes veneradas/idolatradas en la misma, sus características y significados; y comprender la definición de familia y caracterizar la existencia, o no, de una jerarquía.

Palabras clave: Religiones de matriz africana; Etnografía; Familia; Jerarquía.

LISTA DE FOTOS

FOTO Nº 1 - DONA CONCEIÇÃO DOS SANTOS ALMEIDA (DONA BECA).....	41
FOTO Nº 2 - CENTRO ESPÍRITA DE UMBANDA E AFRO REINO DE OGUM, ABASSÁ DE XANGÔ E OXUM.....	42
FOTO Nº 3 - EDINA DOS SANTOS ALMEIDA.....	44
FOTO Nº 4 - MÃE NICE D'XANGÔ.....	46
FOTO Nº 5 - FACHADA DO TERREIRO DO SENHOR EDI MACHADO.....	48
FOTO Nº 6 - CENTRO ESPÍRITA DE UMBANDA E AFRO REINO DE OGUM, ABASSÁ DE XANGÔ E OXUM (YLÊ).....	53

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
Capítulo 1 - ABRINDO CAMINHOS: REFLEXÕES TEÓRICAS METODOLÓGICAS.....	19
1. 1 - A iniciação da Etnografia e do Trabalho de Campo.....	19
Capítulo 2 - SOU BATUQUEIRO E TU?.....	24
2. 1 -As religiões de matriz africana no Rio Grande do Sul.....	24
2. 2 - Cada casa é um caso.....	27
CAPÍTULO - 3: MÃE NICE, MINHAS FAMÍLIAS, MINHA CASA, MINHA RELIGIÃO.....	36
3. 1 - O início de Tudo.....	36
3. 2 - As informações da Edina.....	42
3. 3 - Duas personagens uma pessoa.....	44
3. 4 - Iniciação religiosa, iniciação política.....	46
3. 5 - A casa, seus rituais, minhas sensações.....	52
CONSIDERAÇÕES.....	59
REFERÊNCIAS.....	61

INTRODUÇÃO

O trabalho de conclusão de curso faz parte de um ritual acadêmico. Ritual este que tem suas regras e suas tradições. Além disso, a monografia nada mais é do que um exercício final de um longo processo formativo de um pesquisador em História, no meu caso também na área da licenciatura. Durante minha graduação foi-me transmitido, de forma teórica, que o tempo passado ao qual recai a pesquisa, não é igual ao tempo que se escreve sobre a mesma, o tempo presente.

A pesquisa aqui apresentada em forma de monografia busca incluir-se nos estudos realizados nos diferentes campos das ciências humanas com relação às religiões de matriz africana, tema presente e parte da realidade social brasileira. A religião é tida como uma cultura, onde seus saberes e ensinamentos são essencialmente transmitidos através da oralidade e essa troca se dá entre os mais velhos para com os mais novos ou dos “iniciados” para os “iniciantes”.

Um trabalho de conclusão de curso representa simbolicamente o final de um ciclo de iniciação na formação de um futuro pesquisador/a em História e no caso também de um/a licenciado/a. Os saberes acadêmicos também são transmitidos de forma que você se inicie na pesquisa e na licenciatura tudo de forma prática e teórica. Todo esse ensinamento respeita o tempo que cada pessoa possui, assim como nos processos que envolvem a iniciação ou a formação de um filho/a de santo.

De forma geral as religiões de matriz africana mantiveram seus ensinamentos ou a forma como se dá a transmissão, mas diferentes contextos históricos impuseram adaptações, recriações de suas tradições ressignificando-as no cotidiano dos terreiros. Essas ressignificações têm relação direta com fatores externos e não alheios ao seu cotidiano.

A adaptação, principalmente em como se dá a iniciação de um filho/a de santo levanta uma questão central nesta monografia. Ela diz respeito a uma possível originalidade nesse processo e põe em xeque a insistência por parte de alguns pesquisadores em identificar apenas uma forma de iniciação, ou seja, a forma em que apenas um pai ou mãe de santo sabe iniciar seus filhos, como sendo a mais “original”? É o “pôr a mão na cabeça”, não admitindo a interferência, seja ela espiritual ou não.

Dentro do movimento de religiões de matriz africana e da academia existe certo consenso de que o processo de iniciação original é o dos rituais Jêje/Nagô, o de dialeto Ioruba, considerando todos os demais como não originais inclusive quem se inicia fora desses rituais é tido como alguém que não merece credibilidade. É o que a pesquisadora Lisa Earl

Castillo (2010, p.15) em suas pesquisas junto aos terreiros de candomblé na Bahia, identificou e chamou de “uma periferia do candomblé”.

Para a mesma autora a discussão sobre o que é ou não é original e a imposição dos rituais “*Ketu*” como sendo os únicos que representam a origem das religiões de matriz africana é não entender a diversidade de grupos étnicos trazidos de maneira forçada para o Brasil, para ela a insistência de tal fenômeno remete ao que ela classifica de “nagôcentrismo”, ou seja, há um discurso que tenta remeter a uma originalidade nas práticas ritualísticas das religiões de matriz africana.

Anteriormente escrevi que a monografia faz parte de um ritual exigido pela academia, e para que este ritual seja completo é preciso cumprir outros rituais entre eles o de uma boa escrita, uma boa discussão teórica metodológica, uma boa reflexão sobre o tema escolhido e alcançar os objetivos pretendidos. No caso do trabalho aqui apresentado foi realizado um estudo de caso junto ao Centro Espírita de Umbanda e Afro Reino de Ogum, Abassá¹ de Xangô e Oxum pertencente à Yalorixá² Nice D’Xangô, localizado na cidade de Jaguarão.

A cidade fica localizada na região sul do Estado do Rio Grande do Sul fazendo fronteira com a cidade de Rio Branco pertencente à República Oriental do Uruguai. O que separa ambas as cidades é o rio Jaguarão e um conjunto de matas, dois símbolos muito importantes para os cultos das religiões de matriz africana. O que não ajuda como referência nos estudos sobre as religiões de matriz africana é que, até onde se sabe, Jaguarão não possui registros em trabalhos acadêmicos, apenas se têm o registro de algumas poucas casas cadastradas na prefeitura e, entre estas encontra-se o terreiro aqui etnografado.

De todo modo a existência de diversos terreiros é um fato conhecido e corrente principalmente entre os seus adeptos, mas até o presente momento não foi feito nenhum trabalho de registro dessas informações. O objetivo deste trabalho não é fazer tal registro, mas sim apresentar as pesquisas que foram realizadas com o intuito de contextualizar o tema abordado.

A contextualização se dá através de um estudo histórico da presença da religião na cidade e da atuação da referida Yalorixá. As pesquisas serviram, também para entender o funcionamento da Casa e, identificou as diferentes linhas cultuadas, suas características e seus significados buscando compreender a definição de família e caracterizar a existência ou não de uma hierarquia no terreiro.

¹Abassá no dialeto Banto significa casa. (Mãe Nice, Diário de Campo, 30/05/2016).

²Yalorixá em dialeto Iorubá quer dizer Mãe de Santo, em dialeto Banto é Macóta. (Mãe Nice, Diário de Campo, 30/05/2016).

As pesquisas dentro do campo religioso afro brasileiro vêm discutindo diferentes temas. Uma das propostas da monografia aqui apresentada é participar do debate existente. Para isso busco debater a ideia de que o candomblé não possui uma linha mestra única, mas sim uma matriz e esta é a África. Edgar Rodrigues Barbosa Neto (2012, p.02), em sua Tese de Doutorado “A Máquina do Mundo Variações sobre o Politeísmo em Coletivos Afro-Brasileiros” o autor reflete sobre a frase “cada casa é um caso”.

A frase de Neto (2012) reflete descobertas feitas em pesquisas prévias ao projeto e a escrita deste trabalho. Minha primeira fonte, o Pai de Santo e colega de graduação Evandro D’Ogum³ revela que

Em Jaguarão é corrente a existência do culto da umbanda e quimbanda em um mesmo terreiro. Assim como existem terreiros de umbanda, quimbanda e candomblé, também existem terreiros apenas de quimbanda, terreiros somente de umbanda e terreiras onde é cultuado apenas o Candomblé.(Diário de Campo, 18/04/2015)

Portanto insistir na existência de uma originalidade é mais uma vez desconsiderar a capacidade dos pais e mães de santo de ressignificarem e seguirem suas próprias tradições nas quais foram iniciados.

Experiências e Sensações: Um estudo de caso em um terreiro de Candomblé Angola na Cidade de Jaguarão é fruto de uma breve experiência que tive ainda nos primeiros anos do século XXI, como “abiã⁴” junto a um terreiro de “Nação Cabinda⁵” uma das “tradições” de maior presença na cidade. Um dado importante e que tem relação direta com a frase “cada casa é um caso” é o uso frequente do adjetivo “nação” que significa nada mais do que determinar a qual “casa” você pertence.

Ao se referir a uma pessoa ou casa como sendo de “nação” é afirmar que “cada casa é um caso” e seu uso fortalece uma identidade, um pertencimento. Outra forma identitária junto aos adeptos da religião de matriz africana é o adjetivo batuque, batuqueiro que também é

³ Evandro possui um terreiro, localizado no Bairro Bala Vista, distante do centro da cidade mais ou menos 3 km, ele fica situado à Rua: Ernesto Ledesma nº 220. O Terreiro se Chama Reino D’Ogum e Maria Légua.

⁴ Abiã é a pessoa não iniciada, mas que frequenta o terreiro para assistir aos rituais, as festas e o público em geral. (Mãe Nice, Diário de Campo, 30/05/2016)

⁵ A Cabinda tem sua origem no Rio Grande do Sul creditada a um escravo ou filho de escravos, seus cultuadores não souberam precisar, de nome Gululu ou como falou Pai Marcio D’Ogum Olobedé, “a Cabinda só falta usar bombacha para ser mais gaúcha” (Diário de Campo, 29/07/2015). Ver também para mais informações os trabalhos de NETO, Edgar Rodrigues Barbosa (2012), “**A Máquina do Mundo Variações sobre o Politeísmo em Coletivos Afro-Brasileiros**”; KOSBY, Marília Floôr (2009) “**Se eu morrer hoje, amanhã eu melhor: Sobre afecção na etnografia dos processos de feitura da pessoa de religião no Batuque, em Pelotas/RS**”.

acionador da identidade e do pertencimento. Academicamente seria como se fosse o pertencimento a esta ou aquela escola, é ser identificado, sentir-se vinculado a um ou outro grupo, fazer parte desta ou daquela tradição, portanto de diferentes origens, de diferentes casas.

Pertencer a esta ou aquela casa passa pela forma como o outro te vê, assim como na academia, pertencer a esta ou aquela escola depende das teorias e dos métodos empregados na pesquisa ou até mesmo do uso destas. No caso desta monografia, o uso das teorias e metodologias empregadas pela etnografia, me define como futuro pesquisador, assim como escolher esta ou aquela casa acaba definindo qual tradição devo seguir. No caso das religiões de matriz africana quem define seu “destino” são os búzios, ele é quem diz qual orixá deverá reinar sobre seu “Ori”, sua cabeça. No caso deste trabalho quem regerá meu destino ou minhas escolhas são as teorias e as metodologias empregadas na pesquisa aqui apresentada.

Neste trabalho, além de um estudo de caso sobre o tema escolhido utilizei pesquisas bibliográficas que tratam do assunto. A pesquisa bibliográfica baseou-se em autores que relacionam seus estudos sobre religiões de matriz africana com as teorias etnográficas. Já para o estudo de caso empreguei os métodos da pesquisa de campo, utilizando o diário de campo e a observação participativa, pois a etnografia é uma disciplina que “abriga estilos bastante diferenciados, uma vez que fatores como contexto de pesquisa, orientação teórica, momento sócio histórico e até personalidade do pesquisador e ‘ethos’ dos pesquisados influenciam o resultado obtido” (PEIRANO, 1995, p. 14).

Esta monografia será dividida em três capítulos, o primeiro, cujo título é Abrindo Caninhos: Reflexões Teóricas e Metodológicas; A iniciação da Etnografia e do Trabalho de Campo é onde o processo de “iniciação” do historiador se completa definindo-o enquanto sujeito consciente de que a história não é feita de verdades absolutas nem da busca pelas mesmas, mas sim um processo de relações interpessoais, relações estas construídas no dia a dia da vida em sociedade “[...] É na vida em comunidade que se aprende o candomblé [...]” (MÃE BEATA, apud, CAPUTO E PASSOS, 2007, p.95). Portanto, pesquisar em um terreiro de religião de matriz africana somente seria possível empregando como suporte teórico os “segredos” compartilhados pela etnografia.

No capítulo 2, que tem como título Sou Batuqueiro e Tu? As religiões de matriz africana no Rio Grande do Sul, Cada Casa é um Caso. Busco realizar uma apresentação das religiões de matriz africana no Rio Grande do Sul, visando identificar os diferentes grupos

étnicos africanos desembarcados no estado para servirem de mão de obra escrava, estabelecendo um perfil da população gaúcha a partir dos dados coletados pelo IBGE e presentes em artigo “O atual campo afro-religioso gaúcho” de Ari Pedro Oro (2012). No artigo o autor dá um quadro geral e descritivo com relação às religiões de matriz africana e suas vertentes, com destaque para a identificada como Linha Cruzada/Quimbanda que “[...], é a que detém hoje maior espaço de reprodução e poder de atração social”. (ORO, 2012, p. 559). Além disso, serviu para compreender e identificar as diferentes vertentes cultuadas, suas características e seus significados presentes no terreiro etnografado.

Ainda neste mesmo capítulo outro autor que auxilia no diálogo bibliográfico é Gabriel Aladrén com sua tese de doutorado “Sem respeitar fé nem tratado: escravidão e guerra na formação histórica da fronteira sul do Brasil (Rio Grande de São Pedro, c. 1777-1835)”. Com base em análises de inventários “*post-mortem*” o autor traça um quadro da escravidão na fronteira sul do Rio Grande do Sul, dessa forma é possível perceber os principais grupos étnicos africanos que foram trazidos para a região.

Além disso, permite caracterizar a vida econômica de Jaguarão há época e que não se difere da atualidade, embora o comércio e a prestação de serviços tenha se expandido nos últimos anos. O município é hoje muito próximo do passado, dependendo eminentemente da produção econômica primária. Se no passado existiam pequenas e médias chácaras que produziam para subsistência, hoje são os grandes latifúndios responsáveis pela produção de arroz, soja, gado vacum e de lã. E foi para trabalhar nas pequenas e médias propriedades que os africanos escravizados para cá foram trazidos.

Este capítulo não busca o mito de origem das religiões de matriz africana, mas pretende fazer com que o leitor entenda que quando se fala na tradição religiosa africana está se falando de lembranças de uma África não necessariamente vivida, mas presente na pele dos afros descendentes, na cultura e na língua dos terreiros, pois “[...] a identidade coletiva das sociedades da África Ocidental era multidimensional e estava articulada em diversos níveis (étnicos, religiosos, territoriais, linguísticos e políticos)” (PARÉS, 2007, p.23). E esta multiplicidade está viva ainda hoje no culto aos Orixás ou Cada Casa é Um Caso (NETO, 2012, p.02).

O capítulo 3, intitulado Mãe Nice: Minhas Famílias; Minha Casa; Minha Religião tratará dos aspectos relacionados ao terreiro etnografado, sua organização, seu funcionamento, as relações Históricas da Yalorixá Nice D’Xangô com a religião o município suas famílias e a existência ou não de uma hierarquia. A proposta deste terceiro e último capítulo é também refletir sobre as relações entre o pesquisador e o seu objeto.

Como ponto final desta introdução fica claro o uso de analogia, neste caso entre os ritos acadêmicos e os rituais inerentes as religiões de matriz africana. Pode parecer uma comparação injusta, mas desconsiderar os conhecimentos empíricos ou até mesmo os orais que passam de geração para geração, como sendo aprendizagem inferior aos que adquiri na universidade, na minha concepção é um julgamento equivocado, pois para este trabalho etnográfico as experiências de vida dos nativos são tão ou mais importantes para esta monografia quanto qualquer outro conhecimento teórico.

CAPÍTULO 1 - ABRINDOCAMINHOS:REFLEXÕESTEÓRICASMETODOLÓGICA.

1. 1 - A iniciação da Etnografia e do Trabalho de Campo.

A expressão, “abrindo caminhos” ou “abrir os caminhos”, para aqueles que vivenciam o dia a dia das religiões de matriz africana, significa pedir proteção, ajuda, luz nos caminhos a serem percorridos, paz e serenidade em decisões que devem ser tomadas. Esse pedido deve ser dirigido a Exú Bará, Orixá responsável por ajudar quem a ele se dirige.

O autor Pierre Verger (2014, p.39) esclarece que “[...] Exú é o guardião dos templos, das casas, das cidades e das pessoas. É também ele que serve de intermediário entre os homens e os deuses. Por essa razão é que nada se faz sem ele [...]”. Portanto nada mais sugestivo que evocar a ajuda deste Orixá para começar a escrita desta monografia.

Escrever sobre religiões de matriz africana é escrever sobre relações de trocas, relações interpessoais entre o iniciado e seu Orixá, entre as pessoas e seu cotidiano. O objetivo primeiro deste capítulo é refletir sobre as teorias etnográficas e seus métodos científicos que subsidiaram minha pesquisa de campo, ou seja, tratarei de apresentar minha iniciação acadêmica.

Ser etnógrafo é ser “possuído” da capacidade de interpretar o cotidiano do objeto pesquisado, portanto é ser o “Cavalo dos Deuses”, Cavalo ou aparelho são adjetivos dado aquele que é iniciado, capaz de ser possuído pelo seu Orixá ou entidade, espírito. Portanto o etnógrafo é aquele “cavalo” capaz de interpretar ou se deixar conduzir pelas teorias e metodologias inerentes a disciplina.

Esta disciplina etnográfica “[...] é baseada na tensão entre o presente teórico e a história da disciplina que a tradição da antropologia é transmitida, resultando que, no processo de formação, cada iniciante estabelece sua própria linhagem como inspiração, de acordo com preferências que são teóricas, mas também existenciais, políticas, às vezes estéticas e mesmo de personalidade”. (PEIRANO, 1995, p. 20)

Trabalhar com religiões de matriz africana exige do pesquisador observações e percepções que só em campo e em sua casa solitário é que poderá através da subjetividade entender o que aconteceu diante dele ou o que a ele foi narrado. Para melhor compreensão “o *‘feedback’* entre pesquisa e teoria constitui o procedimento básico do conhecimento científico em geral, e que, para todas as ciências humanas, não existe fato social que independa da referência a totalidade da qual ele faz parte” (PEIRANO, 1995, p.17).

Conforme Bastide (apud, GOLDMAN, 2011, p. 407) para compreender as religiões de matriz africana “[...] dependeria da combinação entre uma perspectiva etnográfica e uma

sociológica. [...] da possibilidade de conciliar o imperativo de levar a sério o que dizem os nativos com a tentativa de construção de um quadro mais amplo dessas religiões”.

Portanto buscar entender a religião de matriz africana sem compreender como se deu sua presença em território brasileiro é não compreender que ela está ligada à história e presença do povo africano trazido para o Brasil como mão-de-obra escrava, ou seja, é não perceber que ela “[...] é uma consequência imprevista do tráfico de escravos” (Verger, 2014, p. 13).

Pierre Fatumbi Verger, autor de vasta obra sobre as relações de tráfico negro entre Brasil e a África, nas suas pesquisas sobre o candomblé relata, que devido ao tráfico de mão-de-obra escrava “[...] desde muito cedo, ainda no século XVI, constata-se na Bahia a presença de negros bantu, que deixaram a sua influência no vocábulo brasileiro” (2014, p.13). O bantu assim como okimbundo são dois dos dialetos originários da África mais ao sul do Saara, pertencentes à Angola.

O destino destes foi a Bahia, o Maranhão, Pernambuco e Recife, estados que à época detinham o monopólio econômico baseado no cultivo extensivo da cana de açúcar e que demandava muita mão-de-obra. Em meados do século XIX o tráfico entre a África e o Brasil acentua-se, vindo a ser introduzido em território colonial um novo e significativo número de cativos oriundos de regiões “habitadas pelos daomeanos (gêges) e pelos iorubas (nagôs), cujos rituais de adoração aos deuses parecem ter servido de modelo às etnias já instaladas na Bahia” (VERGER, 2014, p. 13).

A expansão territorial da colônia aliada ao declínio da produção açucareira, o surgimento e produção de novas culturas primárias e a produção mineira, levaram ao que se configurou em tráfico interno da mão-de-obra escrava. A diversidade produtiva da colônia fez surgir uma burguesia urbana que, também, passou a necessitar de trabalhadores que respondiam pelos afazeres domésticos.

Estes viriam a engrossar o fluxo escravo nos principais centros urbanos da época. Essa urbanização do trabalho escravo segundo Carneiro (1954, p.5), “[...] transformaram o país num cadinho de tipos físicos e de culturas da África [...]”. Portanto, assim como o tráfico externo que segundo Verger (2014) responde pelo “surgimento” das religiões de matriz africana em terras brasileiras, o interno pode responder por disseminá-la por todo o território.

Partindo da Bahia, o culto aos Orixás por onde passou e se estabeleceu ganhou novos nomes, mantendo-se fiel aos seus preceitos e aos seus ensinamentos. Pesquisas realizadas por Edison Carneiro (1954) encontradas na obra “Os cultos de origem africana no Brasil”, o autor revela que na Bahia é “Candomblé”, nos estados do Rio de Janeiro e de São Paulo

“Macumba”, Amazonas e Rio Grande do Sul “Batuque”. Já em Pernambuco e Alagoas “Xangô” e no Maranhão “Tambor de Mina”.

Fica claro que a historiografia brasileira tem realizado inúmeras pesquisas dentro do campo religioso afro brasileiro, desde trabalhos sobre o que é ou não é “original”, passando por questões mais relacionadas a presença das religiões de matriz africana na cultura brasileira. No próximo tópico discutirei como realizar uma pesquisa junto a um terreiro, casa, ou roça, através do método etnográfico de ver o outro e sua cultura, sua vida e suas relações com o cotidiano.

Experiências e Sensações: Um estudo de caso em um terreiro de Candomblé Angola na Cidade de Jaguarão é fruto de uma breve experiência que tive ainda quando bolsista do Programa de Educação Tutorial - PET História da África. Assim, uma “consequência” foi o que tornou possível a escrita deste trabalho monográfico. É bom relembrar que a monografia é parte final do processo de iniciação de um futuro historiador/licenciado/pesquisador e ela também é a minha consequência, por estar no momento certo na hora certa fazendo trabalho de campo.

Um dos objetivos do PET era buscar a participação, minha e dos demais colegas bolsistas, de toda discussão que envolvesse os afros descendentes da cidade, pois o grupo entendia que estudar a História da África e não estudar a realidade dos afro descendentes não fazia sentido, pois as lutas e resistências adotadas por eles fazem parte do cotidiano da cidade seja no passado ou no presente.

As experiências empíricas minhas e dos entrevistados, são fundamentais para que esta monografia pudesse ser escrita. E foi uma destas experiências proporcionadas pelo PET que resultou na escolha do tema aqui em discussão. No final do mês de outubro início de novembro, todos os anos são realizadas rodas de conversa/reuniões preparatórias para a semana de Consciência Negra.

Assim, no final de 2014 surge a polêmica discussão: Jaguarão tem 225 ou 207 casas de religião de matriz africana? Esta é a primeira pergunta que tento responder. Mas assim como toda tradição, a monografia entre elas exige que seja feito um recorte tanto temporal, espacial e teórico para um bom trabalho de fim de curso. O que me levou a recortar em um terreiro, que resultou neste trabalho.

Minha primeira atitude foi procurar um orientador/a, por indicação do tutor, à época, do PET, o Prof. Dr. Caiuá Cardoso Al-Alam, me encontrei com minha orientadora, à Prof^a. Dr^a. Letícia de Faria, que no mesmo momento aceitou ser quem “Colocaria a Mão na minha Cabeça”, ou seja, me iniciaria nas pesquisas etnográficas e suas metodologias. Colocar a mão

na cabeça de alguém, nas religiões de matriz africana é ter a tarefa de orientar - lá nos ensinamentos da religião, nada mais sugestivo do que a comparação orientação de TCC com orientar um iniciando nas relações entre este e seu Orixá ou o aluno e sua monografia.

Entretanto antes do recorte, sugerido por minha orientadora andei muito pela cidade, visitei muitos terreiros, acompanhado de Edina dos Santos Almeida, personagem a quem me dedicarei mais adiante, assim como o resultado destas andanças. Minha primeira conversa/entrevista foi com Evandro, que já foi apresentado e quem me passou as primeiras informações divulgadas acima.

A segunda conversa/entrevista foi com a Yalorixá Nice D'Xangô que por compromissos referentes à religião e sua atuação política junto aos movimentos que tratam dos temas relacionados aos afros descendentes da cidade, mas principalmente com as responsabilidades que toda Mãe requer com seus filhos e aqueles que a buscam por conforto espiritual e orientações para vida, o seu dia a dia, ela não pode me acompanhar a essas visitas e indicou sua irmã Edina. Então no dia 29/07/2015, inicio-me como pesquisador em campo.

A prática foi adquirida não somente nestes dois anos de pesquisas, mas também durante meus anos de graduação e principalmente durante o PET. Portanto o trabalho aqui apresentado buscou associar a pesquisa histórica com pesquisa de campo, pois seus pressupostos são indissociáveis de sua teoria e prática, ou seja, ambas caminham juntas,

A teoria e a prática são inseparáveis: o fazer etnográfico é perpassado o tempo todo pela teoria. Antes de ir a campo, para nos informarmos de todo o conhecimento produzido sobre a temática e o grupo a ser pesquisado; no campo, ao ser o nosso olhar e nosso escutar guiado, moldado e disciplinado pela teoria; ao voltar e escrever, pondo em ordem os fatos, isto é, traduzindo os fatos e emoldurando-os numa teoria interpretativa. (URIARTE, 2012, p. 02)

Considerando os preceitos organizativos exigidos pela disciplina etnográfica, o uso do diário de campo é essencial para que a pesquisa possa ser bem-sucedida.

Portanto, e para melhor esclarecer

Fazer etnografia não consiste apenas em 'ir a campo', ou 'ceder a palavra aos nativos' ou ter um 'espírito etnográfico'. Fazer etnografia supõe uma vocação de desenraizamento, uma formação para ver o mundo de maneira descentrada, uma preparação teórica para entender o 'campo' que queremos pesquisar, um 'se jogar de cabeça' no mundo que pretendemos desvendar, um tempo prolongado dialogando com as pessoas que pretendemos entender, um 'levar a sério' a sua palavra, um encontrar uma ordem nas coisas e, depois, um colocar as coisas em ordem mediante uma escrita realista, polifônica e intersubjetiva. (URIARTE, 2012, p. 09)

A estrutura do diário de campo, não serviu apenas como simples ato de anotar o dia e o local onde fiz minha pesquisa, ele serviu para análise e refino das informações coletadas, o que facilitou minha interpretação e escrita, na construção dialógica aqui expressa.

A pesquisa etnográfica transcende a meras técnicas do uso do diário de campo, pois a etnografia é mais do que técnica ela “consiste num mergulho profundo e prolongado na vida cotidiana desses outros que queremos apreender e compreender” (URIARTE, 2012, p. 04) ou ainda “o trabalho de campo antropológico consiste em estabelecer relações com pessoas”. (idem, p. 05) E são estas relações, entre os afros descendentes sua religião, seus significados e suas diferentes casas, que passo a tratar no próximo capítulo.

CAPÍTULO 2 – SOU BATUQUEIRO E TU?

2.1 - As religiões africanas no Rio Grande do Sul

Ser “batuqueiro”, ser de “nação”, no Rio Grande do Sul é ter uma identidade étnica é pertencer à raça negra no Estado. Para entender esse pertencimento é preciso ouvir Tiago Ramires⁶ que diz “eu gosto de me identificar como batuqueiro, eu sou do batuque, pois o branco, o opressor usa desse termo de forma pejorativa. Então eu vou sempre me afirmar como **Batuqueiro, como Negro Batuqueiro.**” (Diário de Campo, 30/09/2016, grifo meu)

Portanto perguntar/dizer “eu sou batuqueiro e tu” dialoga com a tese defendida por Pierre Verger (2014) de que a presença das religiões de matriz africana é uma imprevisão do tráfico escravo transatlântico e o Rio Grande do Sul assim como outros estados beneficiou-se do uso de mão-de-obra escrava, para construir fortunas e expandir territórios. Para cá vieram “Jêjes, Ijexa, Oyó, Cabinda, Nagô e principalmente Jêje/Ijexa” (ORO, 2012, p. 557), grupos africanos considerados pelos comerciante/traficantes de mão de obra escrava, como “nações africanas”.

O adjetivo “nação” ou a expressão “nações africanas” buscam o mesmo significado do batuqueiro. Tais expressões são mais antigas que batuqueiro elas nos remetem ao período de tráfico transatlântico, pois foi uma fórmula prática usada para “classificar” os diferentes grupos de africanos escravizados e trazidos para a colônia, ou seja, nação “estava determinado pelo senso de identidade coletiva que prevalecia nos estados monárquicos europeus [...] (PARÉS, 2007, p.23) e que se projetava em suas empresas comerciais e administrativas na Costa da Mina. Além disso, a nação ou nações servem para a reflexão de como se dá “a inserção do Rio Grande do Sul no tráfico atlântico [...]”. (ALADRÉN, 2012, p. 123)

As pesquisas de Gabriel Aladrén (2012) para além do que já foi apresentado na introdução conseguem identificar a procedência, a quantidade e a porcentagem de cativos africanos trazidos para a região de fronteira do estado. Vou ater-me apenas aos aspectos referentes à procedência/nação, pois são eles que dialogam com o que já foi narrado até aqui e com o tema desta monografia.

Assim, da “África central-atlântica” temos os “Benguelas, Congos, Angolas, Rebolos, Cabindas, Cassanges, Cabundás ou Canundás, Ganguelas, Mogumbes ou Mofumbes,

⁶ Tiago D’Bará, como gosta de ser conhecido, tem 21 anos de feitura ou de vasilha, ele é de nação Oyó, uma das mais tradicionais no RS filho de Odacir D’ogum, neto de Neusa Leva, bis neto de Moça D’Oxum, tatara neto de Emília D’OyaLodiá, se orgulha de dizer que sua nação mantém a tradição da colheita ou Bocum e de ser descendente direto do Bará do Mercado, da cidade de Porto Alegre.

Monjolos, Songos, Quissamãs, Camundongos, Bacas e Quingongos. Da “África Ocidental” temos os “Minas, Calabares, Nagôs, São Tomés e Haussás. E por fim da “África Oriental” temos os “Moçambiques”. (ALADRÉN, 2012, p. 122)

No Rio Grande do Sul, a religião africana possui características peculiares. Em primeiro lugar no Estado é batuque, como podemos ver alguns parágrafos acima. O batuque se assemelha ao candomblé da Bahia. Sua principal diferença está que no “Candomblé os Orixás são em número de dezesseis⁷ e no batuque são cultuados doze⁸” (ORO 2012, p. 557).

Aqui também se verifica a existência de outras duas vertentes. A chamada “Linha Cruzada ou Quimbanda”, que se “caracteriza fundamentalmente, pelo culto as entidades tipificadas como exús e pombagiras⁹” (ORO 2012, p. 557). A outra vertente é a “Umbanda” que,

Tal como no resto do país, representa o lado mais ‘brasileiro’ das três modalidades afro-religiosas, pois consiste num importante sincretismo que agrega em seu repertório simbólico elementos do catolicismo popular, do espiritismo kardecista e das religiosidades indígenas e africanas. Seus rituais são celebrados em língua portuguesa e as entidades veneradas são, sobretudo, os ‘caboclos’ (índios), os ‘preto-velhos’ e os ‘bejis’ (crianças), além das ‘falanges’ africanas. (idem)

O sincretismo destacado por Oro é a tradição se reinventando em um novo contexto histórico, para afirmar uma identidade nacional simbolizada na diversidade de seres cultuados e na própria língua em que se dão os rituais.

Fica claro no parágrafo acima que as religiões de matriz africana no Estado do Rio Grande do Sul não seguem um único modelo, não são homogêneas, elas são multifacetadas, ou seja, não existe uma única tradição os Babalorixás e as Ialorixás seguem as tradições as quais tiveram acesso respeitando assim sua formação ou sua iniciação.

⁷ O Candomblé cultua dezesseis Orixás, a saber: Bará, Ogum, Iansã, Obá, Xangô, Obaluaê, Odé, Logunedé, Ossãe, Euá, Nanã, Oxumaré, Oxum, Iemanjá, Oxalá e Alafíá. (Mãe Nice, Diário de Campo, 30/12/2016)

⁸ O Batuque cultua doze Orixás, a saber: Bará, Ogum, Iansã (ou Oyá), Xangô, Obá, Odé/Otim, Ossanha, Xapanã, Oxum, Iemanjá e Oxalá. A cada um deles são atribuídas características espaciais, símbolos, animais sacrificados e correspondências com santos católicos, resultante dos mitos relatados nas tradições religiosas. (ORO 2012, p. 557)

⁹ Os Exús mais celebrados na quimbanda gaúcha são: Tiriri, Marabô, Sete Cruzeiros, Destranca Ruas, Rei das Sete Encruzilhadas, Tranca Ruas, Da Porteira, Zé Pelintra, Pantera Negra, Da Capa Preta, Quebra Galho, Ventania, Calunga, Sete Pedras, Sete Chaves, Sete Portas, Tranca Tudo, Exú do Cemitério, Caveira, Da Meia Noite, Do Lodo, Maré. As pombas giras mais presentes na Quimbanda do Rio Grande do Sul são: Da Estrada, Das Almas, Rainha das Sete Encruzilhadas, Das Sete Saias, Maria Padilha, Cigana do Acampamento, Do Oriente, Rosa Vermelha, Maria Quitéria, Maria Mulambo, Da Praia, Cigana da Praia e Tucuará. (ORO 2012, p. 557)

As cidades de Pelotas e Rio Grande, a primeira grande produtora de charque, a segunda principal porto de entrada da mão-de-obra escrava podem ser identificadas, assim como Carneiro (1954) identificou na Bahia à principal porta de entrada da diáspora africana e bem como a cidade responsável por expandir os cultos religiosos africanos através da redistribuição interna dos cativos.

Dessa forma pode se pensar Pelotas e região como monopolizadoras na produção do charque e Rio Grande, cidade portuária como detentora do monopólio do tráfico e distribuição do mesmo, ambas se tornam as principais cidades da Província, respondendo pela difusão do tráfico e de possíveis grupos étnicos africanos que deram origem a religião nesta região. A difusão do tráfico pode ser notada já entre os, Séculos XVIII e XIX com a presença em Jaguarão de “55,2% dos senhores [...] detinham 64,2% dos escravos”(ALADRÉN, 2012, p. 130).

Os dados acima vinculam Jaguarão ao tráfico interno e externo de cativos. No segundo caso esta vinculação se dá graças à proximidade com o porto de Rio Grande, por meio da navegação e que por algum tempo recebeu mão-de-obra escrava diretamente da África e de outros estados. Além disso, a cidade no período citado de acordo com o

Primeiro censo local, encomendado pelo Governo da Província em 1833, o chamado *Mapa Geral* da população apontava que, dos 5.457 habitantes, 2601 eram negros, entre os quais apenas 70 eram indivíduos livres. (ALADRÉN, apud, AL-ALAM; LIMA, 2013, p. 262)

Ainda de acordo como censo de 1872 segundo Araújo (idem), “Jaguarão registra o número de 3.248 escravos, subindo para 4.592 segundo os dados fornecidos pelo DGE¹⁰”.

Estes dados servem para revelar uma forte presença negra na cidade, assim como em Pelotas, principal centro charqueador da região e em Porto Alegre futura capital do Estado. Eles também descaracterizam o estado do Rio Grande do Sul como sendo um Estado “branco” de ascendência italiana, alemã e açoriana e para reforçar a presença negra no Estadoos recenseamentos de 2000 e 2010 realizados pelo IBGE com relação à religião o Estado aparece como “[...] o estado brasileiro em que, em aspectos proporcionais, mais indivíduos disseram pertencer a essas religiões”(ORO, 2012, P.558).

Como já referido Jaguarão não possui dados sistematizados sobre as religiões de matriz africana em seu território. Mas, contudo, em livro intitulado “Olhares Sobre Jaguarão”, organizado por Eduardo Alvares de Souza Soares e Sérgio da Costa Franco, os autores

¹⁰Diretoria Geral de Estatística

copilam manuscritos de diferentes personalidades da elite jaguareense e de outras que por aqui passaram e deixaram registradas suas impressões sobre a cidade e sua população.

É o caso do Cônego Thomas Aquinas Schoenaers, de origem belga. Este personagem descreve o que ele chama de “**Bruxaria**”, praticada por “**uma negra velha e corcunda, há muito conhecida por seus poderes em matéria de feitiçaria**” (SCHOENAERS, apud SOARES; FRANCO, 2010, p. 70, grifo meu). A citação acima sugere a presença, na cidade no início do século XX, possivelmente de uma benzedeira¹¹ ou de uma Yalorixá, sendo que ambas podem ser encontradas na mesma pessoa.

A proposta deste subcapítulo era estabelecer o vínculo entre o passado colonial brasileiro e o presente e não buscar o mito fundador das religiões de matriz africana no Estado e no País. O vínculo, entre o passado e o presente fica claro nos dados do DGE de ontem e do IBGE de hoje e também vincula o Candomblé e o Batuque, ao passado ancestral, do afro descendente com suas raízes africanas, de uma África não vivida, distante, mas ao mesmo tempo presente, na pele, no andar, no dançar, na cultura e na língua dos terreiros que queiram ou não faz parte do cotidiano social brasileiro.

Este subcapítulo ainda apresentou as diferentes vertentes das religiões de matriz africana presentes no Rio Grande do Sul, as mesmas que pude encontrar nas pesquisas já referidas várias vezes. O próximo subcapítulo é aquele em que busco através da análise dos processos de aprendizagem do iniciante e sua relação de troca com seu Orixá, responder à questão principal se há uma originalidade ou se realmente “Cada Casa é um Caso”?

2. 2 - Cada casa é um caso.

Experiências e Sensações um estudo de caso em um terreiro de candomblé Angola na cidade de Jaguarão, como referido é fruto de uma “consequência”, que me propiciou algumas visitas que eu também já falei. Porém, o que eu não mostrei ainda foram os resultados destas primeiras conversas/entrevistas e que aqui nesta breve introdução é possível entender que no trabalho de campo etnográfico “a realidade superará sempre a teoria. [...], o campo irá sempre surpreender o pesquisador”.(URIARTE, 2012, p. 02)

Nas visitas feitas a 20 terreiros de uma lista de 65 nomes de pais e mães de santo, pude perceber o seguinte quadro: Seis dos terreiros visitados são da nação Cabinda, dois são de Umbanda, sendo o primeiro deles o que realiza seus rituais sem o uso dos atabaques e

¹¹ Ver Trabalho de MARTINS, Zilma; **O Cotidiano e as práticas de cura de mulheres benzedoras na cidade de Jaguarão no século XXI**. 2015. Disponível em UNIPAMPA, Campus Jaguarão Curso de História Licenciatura.

sacrifícios de animais, o segundo se caracteriza por também não se utiliza do sacrifício de animais, e sua doutrina é nitidamente volta à linha kardecista, embora haja o uso de atabaques e outros instrumentos característicos das casas de candomblé/batuque. Três terreiros de Batuque/Candomblé, um é onde minha pesquisa se aprofunda o de Candomblé Angola, já o outro é de denominação Jêje/Ijexa e o último de Jêje. Os demais são os da chamada linha Cruzada/Quimbanda.

Este é o panorama encontrado até a escrita desta monografia, ele serve apenas para ilustrar melhor tanto o que até aqui já foi exposto como também para as demais páginas que fazem parte deste trabalho. Por isso a pergunta principal desta monografia diz respeito ao que é ou não é original? Como pode ser visto no parágrafo anterior as religiões de matriz africana foram capazes durante toda a história social brasileira de se resignificar e a babel religiosa, cultural e linguística verificada nos anos de tráfico transatlântico parece ter influenciado na composição das diferentes vertentes desta religião.

Portanto estas influências e resignificações foram formuladas em tradições e contextos de lutas e resistência para manter viva a memória e contribuição dos afros descendentes na construção da riqueza cultural do Brasil. Sendo assim entrar em uma casa de religião na Bahia, Recife, Maranhão, São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre ou Jaguarão é entrar num espaço considerado sagrado/ místico. Todavia, não apenas nesse sentido ele é um espaço familiar, um espaço de respeito com aqueles que ali vivem ou mesmo com os Abiãs presentes ao ritual que se realiza até mesmo em uma visita, consulta aos búzios ou para receber um conforto.

Sobre tudo é preciso entender que em cada um dos lugares citados acima existem diferentes interpretações das tradições, mas que todos falam o mesmo, da sua ancestralidade, de suas lutas, de suas preocupações. Ao pesquisador não é recomendável entrar em um espaço como o terreiro com ideias, concepções ou conceitos previamente construídos, por que cada casa é um caso e porque a pesquisa de campo para o pesquisador “[...] é, durante um bom tempo, uma incógnita, pelo simples fato de os ‘fatos’ não existirem”.(URIARTE, 2012, p. 05)

Seguindo a linha adotada, por mim, na escrita desta monografia a de comparar os rituais adotados pela academia aos rituais de iniciação das religiões de matriz africana, sendo que esta comparação é provocativa, pois iniciar-se ou “fazer o santo” depende da teoria e da prática, assim como na academia. No território do terreiro, o conhecimento é passado de forma oral, para fundamentar seus conhecimentos.

Mas não basta o aprendizado oral, é preciso o exercício da observação e da atenção, pois muito desse conhecimento vem a ser adquirido através da repetição, desde o dançar,

cantar, tocar o atabaque até os rituais de sacrifício e preparação das comidas e etc. Todo esse conhecimento faz parte do conjunto das tradições religiosas e que cada um dentro do terreiro tem como tarefa a cumprir a de aprender todos os aspectos relacionados ao conjunto de aprendizados.

Em artigo escrito pelas pesquisadoras Miriam C. M. Rabelo e Rita Maria Brito Santos, “Notas sobre o aprendizado no Candomblé”, as autoras fazem uma pormenorizada descrição de tais aprendizados. Elas dizem: “Aprender no candomblé envolve o desenvolvimento de habilidades diversas por meio de um engajamento ativo do corpo em contextos multissensoriais carregados de significado.” (RABELO E SANTOS, 2011, p. 187).

A multiplicidade que se faz presente nos diferentes terreiros e nas diferentes formas como um adepto irá participar de sua iniciação fazem com que a academia veja os tais processos como “centros de cultos que ‘imitam’ outros, mais tradicionais, ‘de maneira inábil e errônea” (BASTIDE, apud GOLDMAN, 2011, p. 408). Os intelectuais vêm nos principais terreiros baianos de tradição Jêje/Nagô, que seguem os preceitos da tradição *Ketu*, como os únicos que seguem a tradição, os originais.

De volta à analogia, na academia há uma inversão de papéis, ou seja, quem escolhe sua orientadora/o é o acadêmico, sem o jogo de búzios, já na religião quem define seu Pai ou Mãe de santo é o Orixá, e este último é definido pelo jogo de búzios. Ou seja, não basta você querer ser desta ou daquela casa, o Orixá tem que aceitar que o Pai/Mãe de Santo ponha a mão no seu Orí. Essa é uma das surpresas do trabalho de campo.

Para que o parágrafo anterior possa ser mais bem entendido trago um diálogo/entrevista que tive, quando em trabalho de campo, com um filho de Mãe Nice. O recém-chegado filho me confidencia que “*agora acertei meu Orixá, aqui na mãe é que está tudo certo. Eu cheguei aqui com problemas na tireoide quase com a garganta fechada, a Mãe jogou os búzios e deu Obaluaê, desde então estou bem*”. (Rodolfo D’Obaluaê, Diário de Campo, 14/11/2016)

Esse diálogo é muito semelhante com o caso vivido por Madalena personagem de Roger Sansi que diz

Madalena nunca teve uma boa relação com o pai de santo ‘por que ele era feiticeiro e abusava dos filhos de santo’. Hoje ela acha que ‘o Caboclo Oxossi resistia à iniciação’, não queria que o pai de santo pusesse a mão na cabeça de Madalena (SANSI, 2009, p. 147).

Assim como Madalena o novo filho de Mãe Nice estava com o mesmo problema, seu Orixá não estava aceitando a mão dos outros três pais de santo, posto que ele já havia passado por três terreiros, sendo expulso em uma ocasião por que já havia feito obrigações em outro.

O que para o campo intelectual e para os “tradicionais” parece ser uma corrupção das tradições, entre os adeptos das religiões isso é aceito como uma dependência entre o iniciante e seu Orixá, “de que ele aceite ou não alinha” (Mãe Iara Xangô Aganju, Diário de Campo, 30/07/2015). Ou seja, é o “[...] intercâmbio em que a ‘pessoa’ e o ‘santo’ se constroem mutuamente, porque fazer o santo é, de facto, fazer-se a si mesmo” (SANSI, 2009, P. 144).

Os terreiros, principalmente os mais tradicionais da Bahia, e no Rio Grande do Sul e em Jaguarão não é diferente, entendem que o saber da religião deve ser mantido em “segredo”. Este segredo “existe da necessidade continua de proteger os fundamentos religiosos do olhar de pessoas alheias ao culto. [...]. O senso de mistério constitui um elemento ritual em si, um significante de fidelidade à tradição, bem como outros elementos rituais, como o uso de colares, a preparação de determinadas comidas, ou o uso de atabaques”. (CASTILLO, 2010, p.46)

Entretanto com o mundo moderno em que vive-se, onde as comunicações estão cada vez mais dinâmicas e instantâneas, o segredo já não é tão secreto assim. Hoje a internet é capaz de divulgar muitos dos rituais que dizem respeito a iniciação de um Iaô. Sendo assim possibilitando que os fundamentos sejam destituídos de tabus e suas tradições sejam ressignificadas. É o caso da iniciação, ela em terreiros não ligados as tradições das “nações/batuque”, tem sido recriada, adaptada para o contexto dos terreiros.

Para que se tenha visão mais clara, em uma conversa/entrevista com uma “Cacique¹²”, ela me descreve como adapta principalmente os toques, os pontos que segundo ela, “*diferem uns dos outros e de cada linha puxada e eles podem ser apropriados e readaptados*”. (Ana D’Iansã, Diário de Campo, 30/07/2015). Neste caso o terreiro é da chamada linha cruzada/quimbanda.

Nessa mesma ocasião minha interlocutora descreve outro ritual, o ritual do “Amassim”, que ela descreve assim,

¹²A pessoa que não se iniciou no santo ou não alimentou seu Orí não pode ter filhos ela será chamada de Cacique ou chefe de falange, pois para ser chamada de Mãe ou Pai de santo tem que ter sido iniciado. (Mãe Rosane D’Oxalá, Diário de Campo, 30/07/2015). A poucos dias da entrega deste trabalho recebo a notícia de que Mãe Rosane havia falecido, vítima de um câncer, cabe o registro deste fato, pois ela foi uma de minhas entrevistadas e com certeza seria novamente caso meu trabalho venha ter desdobramentos e ela “tinha” histórias, informações muito importantes para esta continuidade.

Não basta ser médium, ou seja, sou médium e quero entrar na corrente, não é bem assim. Existe toda uma preparação, é o ritual do Amassim. É um banho de ervas amassadas com água que você é banhado com esta água para sua limpeza, o banho realizado sua água e seca naturalmente sem o uso de toalhas e você fica 48 horas sem poder tomar banho, sem beber frequentar lugares que possa levá-lo a beber e sem sexo, todo esse conjunto faz parte dessa iniciação e só assim estará pronto para se juntar a gira(Diário de Campo 30/07/2015).

Esse ritual é parte da iniciação nas tradições do Candomblé, Batuque e da Umbanda, que os membros destes grupos não aceitam que sejam apropriados e recriados.

Mas para entendermos essas trocas, adaptações, tanto de cunho religioso quanto de ofensa para os tradicionais é preciso entender o contexto em que se dá o crescimento desta vertente, principalmente no Rio Grande do Sul. A Linha Cruzada ou Quimbanda no Estado do RS “[...] Ela foi a última a ser implantada [...] e está aumentando sensivelmente o número de terreiros que a cultuam”. (ORO, 2012, p. 559) Esta vertente tem sua iniciação na década de 1970 do século XX, autor relaciona esse crescimento ao processo de “consolidação do capitalismo, com o conseqüente incremento de graves problemas, tais como desemprego, insegurança, doenças, aflições de toda ordem”. (idem, p. 560).

Essa linha ou vertente é, assim como em todo o Estado, a que mais pessoas atrai, em dias/noites de cultos no terreiro. Mas, pela cosmogonia da religião não posso me furtar de sair em defesa do ritual e dos Exús e Pombas Gira, que na visão de seus adeptos “*são entidades não são divindades. Eles por terem vivido ou terem experiências do mundo humano das coisas humanas, da dor, do amor, eles servem para te ajudar nesses problemas*”(Mãe Nice, Diário de Campo, 06/10/2016).

Como é possível perceber na fala de Mãe Nice ela separa a entidade da divindade, ou seja, candomblé/ batuque é onde são cultuadas as divindades ou antepassados divinizados, na linha cruza/quimbanda são cultuadas entidades/espíritos o mesmo que na Umbanda e como Evandro já explicou podem ser encontradas estas diferentes forças na mesma casa.

As relações entre as pessoas e a religião ou seus “santos” constroem-se de duas formas. A que os autores Roger Sansi (2009) e Marcio Goldman (2012) classificam de entrar pelo “dom” e entrar por meio da “iniciação”. Os autores aprofundam o debate sobre o tema da iniciação e mostram que cada casa segue o ritual a que sua Yalorixá ou Babalorixá foi iniciada/o, mantendo a tradição de sua iniciação, ou seja, cada casa ou terreiro sob a dependência de um pai ou mãe de santo é autônomo, não reconhecendo ninguém superior ele/a.

As análises propostas por ambos os autores acima citados têm uma nítida diferença quando Marcio Goldman (2012) aprofunda o tema em seu artigo “O dom e a iniciação

revisitados: o dado e o feito em religiões de matriz africana no Brasil”. Seu aprofundamento está na discussão que o autor faz sobre o “Decá da tradição ‘*Ketu*’, ou ‘*Sakafunã*’ da Angola” (LIMA, apud, GOLDMAN, 2012, p. 274). Tais ritos iniciais dizem respeito à navalha ou faca, que é a passagem iniciatória que dá direito a iniciar outras pessoas.

O decá ou o axé de faca (obé) é um ritual que finaliza um ciclo de sete anos de aprendizado, Goldman (2012) traz como referência a história de “Mãe senhora, do arquitradicional terreiro ‘*Ketu Axé do Opô Afonjá*’, de Salvador, onde ela “estranhava a necessidade de um ritual específico para conceder a um iniciado de certa senioridade o direito de iniciar outras pessoas”(LIMA, apud, GOLDMAN, 2012, p. 274), o que parece estranho para alguns, para Mãe Senhora não, pois ainda conforme Lima, “ela recebera a navalha iniciatória de sua avó das mãos de sua própria mãe, sem necessidade, portanto, de um rito especial”.(idem). É o que o próprio autor chama de “receber o posto através da linhagem de sua avó” (ibidem).

Mais adiante quando apresento minha personagem principal, poderá ficar mais claro do que trata o ritual do “Decá”, que no caso acima relatado torna esse axé uma tradição familiar. O importante aqui é retomar o processo de aprendizado nos rituais das religiões de matriz africana, ou retomar o “dom” e a “iniciação”. Em “‘Fazer o Santo’: dom, iniciação e historicidade nas religiões afro-brasileiras” (2009), Roger Sansi considera o dom uma “alternativa” a “iniciação”. Ele escreve “a iniciação não é a única forma através da qual se produz e reproduz o povo de santo. Existem outras possibilidades: por exemplo, o ‘dom’ de certas pessoas para fazer ‘santos’”. (SANSI, 2009, p. 141)

O mesmo autor segue dizendo sobre tradições da iniciação. “Há duas formas de fazer o ‘santos’[...]. Uma seria a capacidade inata, o ‘dom’ para encontrar e incorporar espíritos – a mediunidade dos espíritos. A outra seria a ‘iniciação’, o processo ritual através do qual a mãe de santo como iniciadora põe a mão na cabeça e o ‘dom’ dos médiuns, [...], permite produzir inovações rituais, produzir novos espíritos e novos elementos nos altares”. (SANSI, 2009, p.141). Ele ainda prossegue

Estas inovações, interpretadas como ‘sincretismo’, tem sido objeto da suspeita de muitos antropólogos da tradição afro-brasileirista, que sempre valorizou as ‘tradições’ baseadas na iniciação, essencialmente a tradição *Ketu*, das grandes casas do candomblé de Salvador da Bahia. (idem)

As afirmações do autor estão corretas, ou seja, deve ser levado em conta que cada casa é um caso.

Outro autor, já citado, traz o seguinte debate sobre a tradição dentro das religiões de matriz africana, “[...] a sempre polêmica ‘tradição’ é pensada como parte da ‘psicologia do candomblé’, não de uma história ‘lá fora’”, para o autor “a tradição é uma intenção que também se encontra na ‘estrutura do candomblé’ e que, [...], é fundamental para sua resistência” (GOLDMAN, 2012, p.273).

Na verdade, o que ambos os autores dizem e é o que mostro alguns parágrafos acima neste tópico, grosso modo, os pesquisadores nunca devem ir com uma teoria pronta ao pesquisar sobre religiões de matriz africana, pois pensar a tradição que remete ao passado como algo estático, parado no tempo é não entender os diferentes contextos históricos pelos quais os afros descendentes e seus antepassados oriundos de uma diáspora forçada passaram. Se no passado o contexto da escravidão exigia a afirmação de um povo guerreiro e insatisfeito com sua condição, no presente essa tradição se renova e exige novos significados.

Por isso que entender a iniciação e suas “inovações rituais” propostas por Sansi (2009), Goldman (2012) e Rabelo e Santos (2011) é fundamental. Então retomando o tema da “iniciação”, Experiências e Sensações é um trabalho fruto de aproximadamente um ano e meio de pesquisas, que proporcionaram verificar alguns dados relacionados ao tema aqui em discussão.

Em relato alguns parágrafos acima de uma conversa/entrevista com uma Cacique, que falava da sua adaptação para o seu terreiro do ritual do Amassim e da polêmica que certas adaptações causam na comunidade tradicional das religiões de matriz africana busco lembrar que é preciso atentar sobre o que a literatura historiográfica tem a dizer com respeito ao ritual de iniciação, para isso cito na íntegra a seguinte passagem.

Os ebós de limpeza envolvem uma série de operações. Pratinhos com grãos variados são passados ao redor do corpo do cliente, o conteúdo despejado sobre sua cabeça, enquanto ele pisa descalço no chão (às vezes sobre folhas ou sobre fatias de berinjela) . Seus braços e dedos das mãos são esticados e sacudidos. Seu tronco, costas e ombros recebem o impacto de galhos de folhas, que mãe ou pai de santo segura e movimentam vigorosamente ao seu redor. Findo este processo, toma banho e em seguida é banhado com infusão de folhas. Deixa a água secar sobre o corpo sem auxílio de toalha e, vestido de branco, é envolvido pela fumaça do incenso que queima numa latinha balançada à sua volta. Sua testa, punhos, tronco, costas e pés são marcados com pomba¹³. Pode voltar para casa, mas deve seguir por alguns dias um resguardo prescrito pela Ialorixá. Seu corpo não poderá ser submetido a locais ou atitudes que impliquem contato com energias desordenadas, ou muito fortes, como ocorre no contato físico íntimo com outras pessoas. (RABELO E SANTOS, 2011, p.p189-190)

¹³É um tipo de giz branco extraído do calcário (Mãe Nice, Diário de Campo, 30/12/2016).

Percebe-se aqui as semelhanças e dessemelhanças no processo de iniciação, o mesmo significado é representado de diferentes formas ritualísticas.

Ou, como diz Sansi (2009, p. 141) “[...] a iniciação não é a única forma através da qual se produz e reproduz o povo de santo. Existe [...], o ‘dom’ de certas pessoas para fazer ‘santo’”. Discordo apenas com a separação feita pelo autor, pois mesmo a pessoa possuindo o dom ela precisa passar pela iniciação, ou seja, a iniciação faz parte de um conjunto de ensinamentos e ela precisa saber que apenas o dom não lhe garante sabedoria. É a relação entre o “dado e o feito” (GOLDMAN, 2012, p. 289).

Em artigo intitulado “O que é fazer etnografia para os antropólogos” de autoria de Urpi Montoya Uriarte, o autor escreve “[...], o antropólogo registra informações mediante o ver e o ouvir”. Ele diz ainda “[...], porém não se trata de um ouvir qualquer. É um ouvir que dá a palavra, não para ouvir o que queremos, mas para ouvir o que os nossos interlocutores têm a dizer” (URIARTE, 2014, p. 05).

Ademais, nas pesquisas sobre linguagem ou no campo da linguística, tudo é linguagem, a imagem, o corpo em movimento, o filme, em fim tudo tem uma linguagem. No caso das religiões de matriz africana, a pesquisa etnográfica não pode ser feita apenas na linguagem expressa através da oralidade, ela deve levar em conta também a linguagem visual presente nos movimentos corporais dos participantes nas rodas e giras do terreiro. Esse prestar atenção nos gestos, nas atitudes dentro do ritual é ouvir o que se está dizendo através da visão.

O ouvir através da visão é perceber que o dom não está completo sem a iniciação, a capacidade de incorporar novos santos não garante o saber é preciso ser iniciado, pois o cavalo, usando um jargão gauchesco, ele precisa ser domado, ou seja, a “entidade” ao encostar-se no “cavalo”, “aparelho” deve ser orientada, pois ao chegar a um ambiente novo e desconhecido ela não sabe os procedimentos, as regras, os locais onde ou para quem ele deve se dirigir primeiro. Vou além é o próprio médium quem é orientado, dois em uma única orientação.

Para que fique mais bem entendido uso como referência e exemplo uma situação vivida em campo ou um escutar vendo.

Estava uma noite no terreiro fazendo trabalho de campo, ou ouvindo com os olhos quando de repente um abiã levanta de um salto e soltando um som inaudível e sai em um misto de corpo tremendo e girando, nesse momento os mais velhos, os iniciados mais experientes se aproximam dele e começam a orientá-lo, tanto na forma de girar, como a encaminhá-lo aos locais que deveria ir, primeiro até a porta e saindo para a rua onde ele saíra a Aruanda e dentro do terreiro os atabaques e os espíritos mais antigos (Diário de Campo, 17/06/2016).

Todo esse cuidado que os mais “antigos” demonstraram vejo ouvindo como formas de ensinar ou iniciar, apesar do dom ali presente.

O que posso deduzir desses relatos e desta discussão é que existem sim duas formas de “fazer o santo”, mas que o ensinamento está presente, o “pôr a mão na cabeça” (SANSI, 2012, p. 141) se faz mesmo quando o Iaô já possui o dom e chego a essa constatação, pois sigo frequentando o terreiro e “ouvindo vendo” que o mesmo iniciado, hoje já faz todas as saudações sem a assistência dos mais velhos ele acendeu ao grau de iniciado. Portanto a oralidade se dá todo o tempo e ela faz parte da tradição do ensinar nas religiões de matriz africana.

Neste capítulo, como um todo, objetivamente pretendi esclarecer ao leitor se existe uma originalidade ou não nos processos de iniciação. Considerando que no meu trabalho de campo busquei entender por que um tema tão simples como ser iniciado se torna um assunto tão complexo, talvez por que entendê-lo sem compreender que a tradição não é presa a um único modo de interpretá-la, mas sim de como as tradições desta ou daquela casa foi construída, recriada, sendo assim torna cada casa singular diferente umas das outras, ou seja, cada casa é um caso.

Para, além disso, quem se inicia não é só a pessoa, o santo, a casa também sofre seu processo de iniciação, que depende da pessoa iniciada e da forma ou tradição a qual ela foi iniciada. Essa iniciação também depende da Mãe ou do Pai de santo, pois ao dar o axé da iniciação é dar um pouco de seu axé é dar um pouco de sua casa ao iniciado/a, e em muitos casos as Mães e Pais de santo são reticentes em liberar um/a filha/o de santo para que ele ou ela tenha a oportunidade de abrir seu próprio terreiro, pois ao fazerem isso estariam perdendo o seu poder e influência na comunidade religiosa.

Acredito que nas próximas páginas essa polemica possa ser ainda mais bem esclarecida, pois assim como eu estou sendo iniciado como pesquisador ou como etnógrafo, ao ser afetado na atuação participante do campo eu fui um pouco iniciado nos segredos da religião.

CAPÍTULO - 3: MÃE NICE, SUAS FAMÍLIAS, SUA CASA, SUA RELIGIÃO

3.1 - O início de tudo

“Estou colhendo 81 rosas no jardim da juventude”

(Dona Beca, Diário de Campo, 08/12/2016)

Alguns parágrafos acima, de propósito interrompo a discussão sobre o “Decá”. A interrupção proposital deve-se a que tal discussão ficaria mais bem entendida neste capítulo do que no anterior, apesar de ser o fechamento de um ciclo de sete anos de formação, iniciação de um futuro pai ou mãe de santo, esse ser depende tanto da Mãe e do Pai que pôs a mão na cabeça quanto do filho/a que completa esse ciclo.

O “Decá”, dentro da tradição do candomblé é a passagem da navalha, do “Obé”, que nada mais é do que a possibilidade de o recebedor desse “axé” iniciar outra pessoa nos segredos da religião. O segredo para a autora Lisa Earl Castillo nada mais é do que “um saber esotérico, necessariamente de difícil acesso e divulgado apenas para um grupo restrito de pessoas. Nesse sentido, os fundamentos religiosos constituem, e deve constituir um mistério, um enigma”. (CASTILLO, 2010, p. 32)

Nos terreiros tradicionais baianos, os rituais de iniciação ou de transmissão do segredo muitas vezes, na sua totalidade, são processos que se dá de geração para geração ou de pai, mãe para filho/a, segue uma linhagem sanguínea. Por isso muitos dos que não se enquadram nessa “linhagem” são tidos como terreiros “clandestinos”.

Marcio Goldman (2012) identifica essa tradição por linhagem como “‘santos por herança’, ou seja, divindades já ‘prontas’ ou já ‘feitas’”. (GOLDMAN, 2012, p. 275). O mesmo autor traz como exemplo o caso de “Joãozinho da Goméia¹⁴, que além da sua própria

¹⁴ Joãozinho da Goméia nascido em 27 de março de 1914, na cidade de Inhambupê, a 153 quilômetros de Salvador, Bahia, foi dono de personalidade forte. Seria ele, o grande responsável pela popularização da religião no Brasil e ficaria conhecido como Rei do Candomblé. Em 1933 João Alves de Torres Filho, o Joãozinho da Goméia, foi iniciado na religião pela tradição Angola. Foi aos 10 anos de idade que o garoto começou a sentir fortes e inexplicáveis dores de cabeça e a sonhar constantemente com um “um homem cheio de penas”. Avisos dos orixás que o fariam buscar a iniciação na religião e tornar-se o primeiro sacerdote do Candomblé de Caboclo realmente conhecido no país. Em outra fase de sua vida, refez o santo no Terreiro do Gantois com Mãe Menininha tornando-se referência nas tradições do Candomblé: Angola, Bantu e de Caboclo. Após 57 anos de vida e 40 de dedicação ao Candomblé, Joãozinho da Goméia veio a falecer em 19 de março de 1971. Os terreiros erguidos por Joãozinho foram extintos depois de sua morte. Porém o Babalorixá formou diversos filhos-de-santo, que criaram novos terreiros em São Paulo e no Rio de Janeiro. São casas de Candomblé que ainda hoje se apresentam orgulhosamente como fazendo parte do “modelo Goméia”, ou da “raiz Goméia”. No Sudeste, seu nome é uma verdadeira grife da religião. Em Salvador, o terreiro também teve um triste fim, foi desfeito e a área onde se localizava é hoje ocupada por instalações da Embasa. (Disponível em <http://www.palmares.gov.br>)

divindade, herdou o orixá de sua madrinha” (idem). Ou seja, este exemplo seria um típico exemplo de “dom” e “iniciação” conforme descrito acima.

Ainda, dentro da mesma discussão sobre “dom” e “iniciação”, Roger Bastide classifica, ou foi induzido a classificar o mesmo Joãozinho da Goméia, como sendo um dos Pais de Santo “clandestinos, feitos do pé para a mão”, ou seja, do dom para a iniciação. É o mesmo que eu ter o dom da escrita o da análise sobre a história, mas se não houver uma iniciação uma capacitação teórica sobre o assunto não me adiantaria possuir o dom. Como o leitor pode perceber na vida cotidiana do terreiro o dom está aberto ao debate, a reflexão e de sua importância ou não para a feitura de um filho/a de santo.

Entendo ser importante retomar a discussão sobre o tema acima, pois na minha concepção esse debate é muito importante para que o leitor entenda os próximos parágrafos, onde pretendo escrever sobre uma das personagens principais desta monografia, para isso vou ao princípio de tudo, da vida e da religiosidade desta personagem, embora o objetivo não seja a busca pelo mito fundador.

A epígrafe acima mostra bem quão espirituosa e sábia é a personagem que vou apresentar, ela a pronunciou não para mim, mas a seu neto mais velho Leandro, alguns dias após eu já ter começado a escrita deste capítulo. O Cerro da Pólvora, mais especificamente sua pedreira guarda uma mística religiosa para os filhos de Xangô muito importante, pois é na pedreira que ele governa, nela é sua moradia ou nas palavras de Mãe Nice

Este lugar tem um significado espiritual e religioso para mim; ali está a pedreira, é de Xangô. Eu, como eu sou filha de Xangô, esta parte do Cerro da Pólvora, junto a pedreira, é importante para mim e meus irmãos de espiritualidade, é uma relíquia, algo de muito valor(MÃE NICE, apud ROSA 2015, p. 28).

E é aqui na subida do Cerro, à Rua João Azevedo nº 1137, também próximo a pedreira de Xangô, que vive a senhora Conceição Neiva dos Santos Almeida conhecida pelos amigos como Beca ou Bequinha pelos filhos, netos e bisnetos.

Esta senhora com 81 anos de vida, moradora do Cerro guarda uma sabedoria e algumas vivências dignas de uma Griô¹⁵ africana. D. Beca, não poderia fugir a “regra” e desde muito

¹⁵ A palavra Griô é de origem francesa e traduz o termo da língua africana banamandjeli (jélioudjeli), que significa “o sangue que circula”. Essa língua tem sua origem no antigo Império do Mali, hoje dividido em vários países do noroeste da África. A palavra griô designa os contadores de histórias, genealogistas, mediadores políticos, contadores, cantores e poetas populares que vivem em alguns países africanos, no Sudão e em parte da

cedo foi trabalhar nas casas das famílias abastadas da cidade. *“Meu filho foi faxineira na casa do Carlos Barbosa, trabalhei para as filhas dele, como faxineira, mas quando a copeira saiu eu passei a fazer essa função”* (D. Beca, Diário de Campo, 13/04/2016). Conta com muito orgulho, *“trabalhei lá até, quando eu saí para me casar com o Sidnei”* (idem). Trabalhou mais alguns anos em outras casas até que Mãe Nice teve seus filhos e ela dedicou-se a cuidar-los.

Dona Beca tem muitas histórias, ou como ela mesma disse, *“ah! Se eu soubesse que era isso que eu tinha que falar nós estaria até hoje no Clube falando sobre isso”* (Diário de Campo, 13/04/2016), fazendo referência à roda de conversa ocorrida na Semana da Mulher Negra que vem acontecendo no Clube 24 de Agosto¹⁶ e que segundo ela, *“eu não tinha o que falar”* (idem). Dona Beca não entende que justamente sua história, sua vida, tem uma importância muito grande para se entender a história dos afros descendentes na construção da riqueza da cidade de Jaguarão.

Dona Beca conta que “fora criada por uma tia” e, mais ou menos na década de 40 do século XX então com quatorze anos, ela e uma prima que estava se “desenvolvendo”,

Eu e minha irmã de criação frequentávamos o terreiro de Umbanda do senhor Carlos Leite, naquela época não tinha os toques de atabaque ou de qualquer instrumento era na palma das mãos e na batida do pé que se acompanhava as rezas (Dona Beca, Diário de Campo, 13/04/2016).

Este fora seu primeiro contato com a religião e que teve uma pausa que só foi retomado quando sua segunda filha nasceu.

Conforme conta Dona Beca, sua tia *“era muito severa”* diz *“não deixava minha irmã ir só à terreira, por que não acreditava nisso, ela era católica, mas também não ia à igreja,*

zona guineense. Os griôs são bibliotecas vivas da tradição oral de vários povos africanos. No continente africano, um griô nasce Griô, seu ofício não é escolhido, relaciona-se a uma herança e à sua origem. Quando nasce um griô, a ele são atribuídos direitos e deveres, ele é responsável por guardar e transmitir a história do seu povo. Quando um griô morre, diz-se que uma biblioteca se foi, porque ele carrega a sabedoria e as tradições desse povo. (Disponível em <http://projetculturaafro.blogspot.com.br>)

¹⁶ O Clube 24 de Agosto foi de importância fundamental para esta monografia, inclusive por sua localização bem em uma encruzilhada, das Ruas Augusto Leivas e Gral. Marques, além do simbolismo ele vivia até aquele momento uma encruzilhada, manter viva a memória do negro na cidade ou ter que entregar sua sede por conta de um leilão por dívidas. O clube hoje é tombado pelo IPHAE tornando-o símbolo de lutas para os afrodescendentes de Jaguarão, região e do Estado. O clube além das atividades sociais, como bailes, nele realizam-se diferentes atividades referentes a temática do negro entre elas a Semana de Consciência Negra e nos últimos dois anos a Semana da Mulher Negra Latino Americana. Outras informações sobre o clube ler os trabalhos de: LOPES, Taiane Naressi; **“Protagonismo Feminino Entre Regras e Padrões: uma História das Mulheres Negras do Clube Social 24 de Agosto”** 2015 Disponível em [HTTP://. unipampa.edu.br/curso história licenciatura](http://unipampa.edu.br/curso_historia_licenciatura). NUNES, Juliana dos Santos; **“Somos o suco do carnaval! A Marchinha Carnavalesca e o Cordão do Clube Social 24 de Agosto”**. 2011. Disponível em <http://www.escavador.com/>.

pois a missa era rezada por homens e ela não confiava nos homens, por isso eu ia à terreira com minha prima por causa dos homens”. (Dona Beca, Diário de campo, 13/04/2016)

Dona Beca e eu tivemos algumas longas tardes de conversas, regadas de muito humor, fé nos Orixás e chimarrão. Ela e seu Sidnei Almeida ambos são aposentados, a despeito disso seu Sidnei ainda trabalha como cortador de grama e como faxineiro, suas mãos calejadas já não possuem a mesma firmeza da juventude, mas se não trabalhar suas aposentadorias não seriam suficientes para o sustento de ambos. Dona Beca também tem problemas de saúde, além da idade avançada o que a impede de trabalhar. No entanto, apesar da condição simples que ambos vivem nada impede que suas vidas, seu dia a dia seja repleto de humor, esperanças, fé em seus Orixás e de lembranças.

Dona Beca apesar das dificuldades impostas pela sociedade possui sonhos, sonhos em ajudar sua filha Edina, que para ela é a “que mais precisa”, pois Eunice e seu filho mais novo Olavo “estão bem” diz. Seus sonhos também têm relação com a religião e com seu passado de menina, toda a vez que nossas longas conversas se realizaram ela me contava um sonho que tem com seus Orixás, Oxum e Xangô, sonhos estes que para ela significam apenas que eles a estão velando, protegendo e não precisa ter grandes significados, embora ela tente sempre encontrar este significado.

Outro sonho diz respeito a sua meninice, quando levava comida, com cinco anos de idade, a sua mãe de criação que trabalhava de lavadeira na beira do Rio Jaguarão, ela mesma conta

Eu tinha que atravessar um banhado, um mato de capim alto, passando pela ponte do macaco, por trás da chácara do Galo e sentia que algo me acompanhava que estava protegida, já era meu caboclo se manifestando, o mesmo que me acompanha até hoje, mas meu filho eu não tenho a capacidade de incorporar, como pode ser isso?(Dona Beca, Diário de Campo, 13/04/2016)

Apesar de entender que não possui o “dom” Dona Beca não perdeu sua fé, ela continua frequentando o terreiro de “Nação Cabinda¹⁷” próximo a sua casa, pois ela adora Exú, tocar em sua saia quando ele gira próximo a ela e passar a barra da saia em seu joelho doente “*e sabe que eu volto para casa aliviada*” conclui.

¹⁷A Nação Cabinda é uma das famílias mais extensas na cidade de Jaguarão, seus seguidores dizem que o introdutor desta nação teria sido Pai Eni já falecido, mas que deixou vários herdeiros como: Pai Evandro D’Ogum, Pai Marcio D’Ogum Olobedé, Mãe Iara D’XangôAganju, Mãe Rosane D’Oxalá, Mãe Fany D’Iemanjá, Pai Tiquito D’Oxalá.

Alguns dias após ter começado a escrever minha monografia, fui fazer uma visita a Dona Beca, nessa ocasião tive a oportunidade de conhecer seu filho Olavo que até então não o conhecia pessoalmente. Hoje ele mora em Porto Alegre, onde é iniciado em um Terreiro de Nação Oyó, localizado em Taquara, município próximo à capital. Após seu filho e família saírem de viagem para capital, ficamos conversando, boa parte da tarde. Ela conta-me de uma visita a seu filho, onde ele a convidou para uma festa no terreiro em Taquara. Ela diz

Meu filho sabe, que lugar lindo grande, bonito. A gira começa os Caboclos chegam, vão embora e vêm os Exús. Não é que um Exú chega perto e me diz: 'sabe aquele sonho de tu menina andando por aqueles matos e tu vias alguém te seguindo, pois era eu te cuidando desde aquele tempo'. Meu filho era o Exú Rei me velando, cuidando desde aquela época (Dona Beca, Diário de Campo, 04/12/2016).

A narrativa de Dona Beca e do próprio Exú, remete a uma ancestralidade, dialogando com a questão da ancestralidade presente no universo religioso de matriz africana, mas apenas os Orixás são seres ancestrais e divinizados, todos os outros são considerados entidades, como Mãe Nice falou anteriormente.

Dona Beca mora no mesmo endereço onde foi criada e criou seus filhos. Revela que seu sentimento de fé surge quando um fato significativo em sua vida faz com que se reaproxime da religião de matriz africana, de seus amados caboclos. Sua filha do meio, Edina, nasce com um grave problema de saúde e aos oito meses de vida é internada na Santa Casa de Misericórdia com o diagnóstico de leucemia grave, pois de acordo com a própria Edina “*meu sangue era pura água de tão fino*” (Diário de Campo, 29/ 07/2015).

Assim como muitas pessoas que se aproximam da religião, Dona Beca se reaproxima por questões de saúde na família. Dona Beca é o exemplo claro das pessoas que se iniciam na religião pela forma, como Mãe Nice diz “por doença”. Então foi assim que Dona Beca se reaproxima dos seus “caboclos”. Graças a sua amizade com a senhora Silvia Machado cunhada do senhor Edi Machado, ambos falecidos, e a época dono de um terreiro de duas linhas, uma Kardecista e outra de Umbanda. Essa aproximação com o referido senhor e suas práticas religiosas faz, com que Edina, segundo Dona Beca, venha a se curar da leucemia.

Dona Beca mesma narra como se deu esse “fenômeno”,

Meu filho, a Silvana morava aqui dobrando minha casa, ela já era iniciada e frequentava o terreiro do seu cunhado. Todos os dias antes dela ir à Carvalho. Onde ficava o terreiro, ela vinha aqui em casa e pegava uma muda de roupa limpa para a Edina e na Santa Casa, eu trocava a Edina de roupa e dava a que tirava para ser levada ao terreiro para ser benzida pelo Guia espírita Pai Antôninho, guia do Edi. Isso todos os dias até que a Edina se curou. Até o médico quando foi dar alta para ela me disse: '*bah! Dona Conceição eu nunca tinha curado alguém dessa doença*'.

Meu filho mal sabia o doutor que quem curou a Edina foram os caboclos (Diário de Campo, 13/04/2016)

Percebe-se nessa longa narrativa dois sentimentos o amor e a saúde.

Embora Dona Beca, anteriormente tenha dito que “não possuía o dom da incorporação”, sua fé na cura de Edina faz com que ela se sinta obrigada a devoção aos “Caboclos” e que mais tarde se converteria também aos “Exús”. O que é possível perceber com mais clareza é que o sentido de “obrigação” que Dona Beca tem faz com que suas filhas passem a ter também. Não é apenas ela quem fica em dívida com o santo, mas também Edina e Mãe Nice. E é nessas condições, de fé e de obrigações que ambas as filhas acabam se descobrindo com o “dom”, que sua mãe diz não possuir.



Foto 1: Dona Conceição dos Santos Almeida (Dona Beca).
Créditos: Nelson Luís Corrêa.

O dom está sempre presente na narrativa até aqui apresentada, entretanto, no decorrer das próximas páginas o processo de iniciação tornar-se-á mais claro, pois possuir o dom não deixa de fora a necessidade de haver uma iniciação, pois o aprendizado nas religiões de matriz africana é de fundamental importância para a formação.

3.2 - As informações de Edina

Edina nasceu nos anos 60 do século XX, viveu parte da infância e toda sua adolescência no período da ditadura civil militar brasileira, ela conta que quando ainda frequentavam o terreiro do “Tio Edi”, as procissões de Iemanjá e São Jorge (Ogum), “*saiam da terreira, quando nós dobrávamos na Rua Odilo, as pessoas da vila jogavam pedras em nós e não era só na vila no centro também havia agressões a nós, xingamentos*” (Edina, Diário de Campo, 29/07/2015).

Outra lembrança de Edina diz respeito às seções que Mãe Nice fazia, já na sua terreira, localizada à Rua João Azevedo nº 1137, “*um dia a polícia bateu na porta e pediu para que parasse, pois os vizinhos estavam reclamando do barulho*”, o período aqui já eram anos oitenta, pós-ditadura próxima a promulgação da carta constitucional de 88. Esse fato ocorre mesmo Mãe Nice já tendo registrado seu terreiro na Federação Sul Rio grandense de Umbanda e Cultos Afros brasileiros¹⁸, que regulava seu horário de funcionamento.



Foto 2; Centro Espírita de Umbanda e Afro Reino de Ogum, Abassá de Xangô e Oxum, fundado em: Fevereiro de 1987

Créditos: Nelson Luís Corrêa

¹⁸ Esta Federação fica localizada na cidade de Pelotas à Rua: Xavier Ferreira Nº 1000.

Edina dos Santos Almeida, mãe de Jaqueline e avó de Cauã, moradora do bairro Indianópolis II, cuja casa logo que você entra a um canto da sala vislumbra um altar, ali estão “meus assentos” diz, são imagens, objetos que simbolizam seus santos de devoção “*e nunca me deixaram na mão, mas também eu estou sempre agradando*” (Diário de Campo, 29/07/2015).

Edina gosta mesmo é de ser reconhecida como “tamboreira” ,por tocar seu Ilú ou tambor de corda, apenas em rituais de Umbanda e Quimbanda, pois “no Candomblé não é permitido a mulheres tocarem o atabaque”. O atabaque é um instrumento que é destinado ao homem é um instrumento de características machista, por isso que Edina só pode tocar em rituais das linhas umbandista e quimbanda, seu Ilú agora foi substituiu por uma cubana, pois “*a pele do instrumento é muito dura machuca as mãos*”, me mostrando os calos na palma das mãos.

Edina é trabalhadora como tantas outras mulheres no setor convencionalmente chamado de “trabalhadores/as diaristas”, fazendo limpeza na residência de outros, ou seja, fazendo trabalhos que a sociedade entende como sendo de importância menor, trabalhos onde os pobres sem capacidade devem trabalhar, principalmente se você for de pele negra. Mas não poderia ter tido melhor “guia” para me apresentar a esse universo simbólico e familiar que é a religião de matriz africana.

Ao iniciar minhas pesquisas, a cerca de um ano atrás, infelizmente Edina estava desempregada, o que por um lado facilitou nossas caminhadas juntos na tentativa de escrever uma nova história sobre Jaguarão e que merece ser contada, para que não caia no esquecimento. Esse inconveniente propiciou vinte dias de intensas visitas a diferentes terreiros. E que a alguns parágrafos acima eu descrevo para o leitor.

Nossa primeira tarde de diálogos, regada a muito mate doce nos levou a sair no final desta com uma lista de dez nomes de pais e mães de santo, isso tudo graças a memória primorosa de Edina. Já no segundo dia, Edina aparece com a mesma lista só que com mais vinte e dois nomes, o que ao longo da primeira semana essa lista já estava em 62 nomes.

Em cada terreiro - 19 com Edina e 3 visitei sozinho, fazendo um total de 22 antes do recorte final exigido - que chegávamos, o carinho e respeito com que minha amiga de caminhada - de bicicleta, pois fizemos 50 km ou mais pedalando por toda Jaguarão - era recebida com bastante entusiasmo e alegria, recepção que só quem sabe da importância da pessoa que acaba de chegar. Esse carinho para com ela deixava claro o conhecimento dessa jovem senhora a respeito da religião, mas o que devo ressaltar é o espírito fraternal e familiar

da recepção e que tantas vezes eu ouvi de meus entrevistados, “nossa religião é familiar” “nós somos de uma religião de família”.



Foto 3: Edina dos Santos Almeida (Edina dos Santos D’Ogum)
Crédito: Edina Foto do Facebook

3.3 - Dois personagens a mesma pessoa

Eunice Magali Santos Almeida, mãe de Leandro e Jessyca e avó de Isadora e Rafaela, ambas as filhas de Leandro, seu primogênito e Alabê do Ylê. Mãe Nice como gosta de ser chamada por seus vários filhos, sim, pois Leandro e Jessyca são seus filhos carnisais e na religião são vários, inclusive de nacionalidade uruguaia, o que na vida fora da religião se convencionou chamar de “*doble chapa*” ou filhos de dupla nacionalidade.

Eunice possui formação em contabilidade, trabalhou por vários anos em escritório contábil e na antiga loja Casas Pernambucanas. Além desses dois estabelecimentos Eunice foi dona de banca no local conhecido por camelódromo aqui na cidade e, na sequência distribuiu comida para fora já morando no atual endereço à Rua Claudino Echevengua nº 320, “*meu filho cheguei fazer quase duzentas viandas, mas tive que parar, pois a religião passou a exigir muito de mim*”. (MÃE NICE, Diário de Campo, 28/10/2016)

Por tomar muito seu tempo, levou-me a buscar informações junto a Dona Beca e Edina. Isso deveu-se a que muitas das vezes Mãe Nice teve que atender de última hora compromisso imprevistos e que exigia sua presença. Mas nada que afetasse minha pesquisa, pois isso só comprovou o que eu já imaginara: sua importância para a vida religiosa de matriz africana em Jaguarão, bem como da cultura afro como um todo.

Eunice tentou fazer o Curso de Magistério, “*eu adorava trabalhar com as crianças, cheguei até fazer estágio, só que mais uma vez a religião me impediu*”, sua fala é de quase tristeza, mas ao mesmo tempo não o é, pois ela entende que o “chamado dos Orixás era mais

importante”. *“Outro dia até fazendo faxina no meu quarto encontrei os materiais que eu tinha preparado no estágio e a Jessyca e o Leandro davam risada e queriam por fora as coisas e eu não deixei como vou me desfazer das lembranças”*. (MÃE NICE, Diário de Campo, 29/10/2016)

Além desse “inconveniente”, o buscar por outras pessoas para falar dela, principalmente sua Mãe e sua irmã carnal, serviu para entender as suas relações tanto familiares como suas origens religiosas, ou seja, como ela chegou até a religião. Em uma conversa/entrevista perguntei a Eunice, se caso Dona Beca não tivesse feito uma obrigação para com os caboclos, será que ela seria a Mãe Nice? *“meu filho eu acho que sim mais cedo ou mais tarde eu chegaria até a religião, pois eu trago no sangue, na minha pele essa ancestralidade”*. (MÃE NICE, Diário de Campo, 29/10/2016)

Ela fez o ENEM, *“passei melhor do que o Leandro e a Jessyca eu dava risada, como pode isso eles mais jovens do que eu e não conseguiram passar melhor do que eu”*, ela deixou o prazo de inscrição passar *“pena que a gente não tem pessoas atinadas, pois fiquei sabendo só depois que já tinha passado o período de inscrição”*. (MÃE NICE, Diário de Campo, 29/10/2016). Nesta fala pude perceber que Eunice tem dificuldades em perceber que sua experiência de vida conta muito em termos de aprendizado, em situações em que ser “estudada” conta pouco, vale mais à vivência, seu conhecimento do mundo.

Até este parágrafo, fiz uma rápida apresentação da família de Eunice dos Santos Almeida - a Mãe Nice - o que pode caracterizar uma incoerência, mas as religiões de matriz africana além de despertar a reflexão sobre o tema até aqui debatido, a originalidade através da visão do processo de iniciação, ela também se caracteriza por essa duplicidade pessoal inerente aos pais e mães de santo.



Foto 4: Mãe Nice D'Xangô, festa de encerramento de ano.
Credito: Nelson Luís Corrêa.

3. 4 - A iniciação religiosa e a iniciação política

Em alguns momentos da pesquisa meu acesso a Mãe Nice passa a ser dificultado não por questões de feitiçaria ou algo parecido, mas como já dito, ela também se envolve politicamente em assuntos que dizem respeito à religião ou movimentos sociais ligados aos afros descendentes. Percebe-se como a vida particular e pessoal de Mãe Nice também é de suma importância para entendermos essa relação de duplicidade existente na vida de uma Mãe ou Pai de Santo engajado/a nos temas aqui referidos.

Considerando os impedimentos para reunir-me com Mãe Nice, a ajuda que proveio de Edina e Dona Beca foi essencial para entender temas e assuntos relacionados à primeira. Aqui volto a introduzir Dona Beca na conversa, pois ela além de ter se comprometido e de certa maneira ter comprometido suas filhas com os “caboclos”, foi quem apresentou Mãe Nice a pessoa que viria a ser seu Pai de Santo, o senhor Valdemir Corrêa, Pai Nilo¹⁹. “*Eu namorei o*

¹⁹ É natural de Rio Grande é responsável por organizar a festa de Iemanjá naquela cidade, através da União Riograndina de Cultos Umbandistas e Afro-brasileiros Mãe Iemanjá-URUMI, onde exerce a presidência. Possui o axé a mais de 50 anos completados em 2016, divulgador do Candomblé Angola no Estado RS e também no Rio de Janeiro onde tem uma casa religiosa. Lá foi iniciado por Pai Dedé e onde tornou-se afilhado de Joãozinho da Goméia durante a década de 1960 quando morou naquela cidade.

irmão do Valdemir, antes de casar com o Sidnei, ai quando o Valdemir veio servir o exército em Jaguarão ele levava e trazia noticias nossas, era nosso correio”. (Dona Beca, Diário de Campo, 13/04/2016)

Mas quis o tempo que esse romance tivesse fim, mas ela voltou a se reunir com Valdemir, agora por outras razões. Essa reunião tem relação quase que idêntica a descrita alguns parágrafos acima, ou seja, mais uma vez Dona Beca intervém no destino de Mãe Nice. Com o falecimento do senhor Edi Machado, Mãe Nice estava procurando um novo orientador, um Pai ou Mãe de Santo que atendesse suas angústias, aflições. Precisava que seu “Ori” fosse alimentado.

A terreira do “Tio Edi” como se refere Edina, era de “Umbanda e Centro de Mesa”, ou seja, da Linha das Falanges²⁰ e Linha Kardecista respectivamente. E segundo Dona Beca os orixás “a estavam chamando, estavam chamando a Nice”. Ela conta que, “primeiro fomos até a Associação Irmãos Reunidos, que era presidida por Pai Eni”, lá Mãe Nice foi abordada por ele que se dispôs ajudá-la, “mas ela me falou que não tinha gostado de nenhum deles nem do próprio Pai Eni, quando voltávamos para casa” completa Dona Beca.

Foi na terreira de seu Edi que Mãe Nice teve suas primeiras experiências mediúnicas, o “dom”, conta a própria Mãe, que com idade de quatro anos “*ela não podia ouvir os pontos de caboclo*” que “*saia girando*”. foi então que o Guia de seu Edi, “*Pai Antôquinho falou para mim, ‘essas meninas têm que virem para corrente’*”, completa Dona Beca, “*então eu para que as gurias não faltassem nenhum dia também entrei na corrente*”. (Dona Beca, Diário de Campo, 13/04/2016)

²⁰A Umbanda é composta por sete chefes de falanges, que seriam um exército que trabalha para este chefe e que também é um enviado do Orixá



Foto 5: Fachada do antigo terreiro do Senhor Edi Localizado no Bairro Carvalho, no segundo corredor após a Rua Joaquim Caetano a esquerda da Rua João Pinto da Silva.

Créditos: Nelson Luís Corrêa.

Alguns meses depois dessa conversa com Dona Beca, eu relato à Mãe Nice e digo que ela me parecera triste ao me dizer que apesar de entrar na corrente e de querer muito ser ocupada, eu nunca consegui, o que Mãe Nice completa “*a Beca não percebe, mas agente que está acostumada vê, ela chega a tremer as pernas, os braços e o corpo e quando passa tudo eu sinto que ela está aliviada, ela precisa é se soltar deixar encostar²¹*” (Diário de campo, 24/08/2016). A simplicidade com que Mãe Nice se refere a temas como a religião é de quem tem domínio sobre o mesmo, a mesma firmeza vista quando ela está falando de temas relacionados à negritude, a suas origens.

A iniciação da Mãe Nice nas obrigações exigidas pela religião, na opinião de alguns intelectuais, até mesmo dos adeptos das tradições Iorubá/Ketu, ela seria classificada como uma clandestina, ou como Joãozinho da Gomeia, alguém que começou dos pés para as mãos. Entretanto sua casa é um caso, diferentes das casas tradicionais. Pensando no comparativo até aqui elaborado eu seria como pesquisador, algo como um clandestino dentro da academia, posto que sou formando em História e trabalho minha monografia toda ela baseada na etnografia que, segundo as tradições é uma teoria reconhecidamente antropológica ou, como disse minha orientadora “tu és da linha cruzada, pois estas fazendo um trabalho etnográfico dentro do curso de história”.

Conheci Mãe Nice no ano de 2009, quando a prefeitura abriu a Casa de Cultura pela primeira vez à exposições relacionadas às culturas dos afros descendentes e era a primeira

²¹Deixar que a entidade tome posse de você entregar-se a entidade.

Semana de Consciência Negra realizada pelo poder público. Cabe destacar a figura e atuação de Rodrigo Machado da Costa²², o Rodriguinho, que por sua amizade com Mãe Nice a convidou para expor objetos significativos à cultura religiosa.

A partir de então, devido ao Grupo Cultural Abi Axé, ligado ao terreiro, e sua destacada atuação, Mãe Nice torna-se referência na cidade passando à defender com propriedade nas discussões da Semana de Consciência Negra e todo e qualquer debate relacionado às questões dos direitos do povo afro descendente, principalmente das mulheres. Além dessas atividades passa a defender o Clube Social 24 de Agosto, que naquele momento passava por um processo de penhora de sua sede social. Esse protagonismo a qualifica como representante dos afrodescendentes junto a Setorial Afro do Conselho Municipal de Cultura, onde hoje ela é a Vice-Presidente do mesmo.

Outra atuação em conjunto da parceria entre Rodriguinho e Mãe Nice é a retomada das procissões de Iemanjá, Ogum e Oxum, esta última criada, *“pois a cidade de Jaguarão comemora a festa da Rainha do Mar e não da mamãe Oxum que é a dona das águas doces, sendo que nós temos um Rio lindo”* (Mãe Nice, Diário de Campo, 26/09/2016). A parceria entre Rodriguinho, Mãe Nice e os demais terreiros que se somaram aos dois criam, no ano de 2014, através do Projeto de Lei N° 27²³ de autoria de Rodriguinho o dia municipal da Umbanda, data que passa a ser comemorada no dia 15 de novembro.

Esta mesma parceria se firma e mais uma vez atuando juntos começam a discutir a possibilidade da criação de uma associação, a Associação Espírita de Umbanda e Afro brasileira de Jaguarão, que passaria a regular e organizar toda e qualquer atividade relacionada às questões religiosas e da cultura afro brasileira, em âmbito municipal. Tornando-se, desse modo. Independente do poder público municipal. Mais uma vez vê-se a participação política de Mãe Nice e sua preocupação com as questões relacionadas às “raízes” como ela se refere, quando o assunto e sua negritude.

Entretanto, toda essa atuação política forte de Mãe Nice, acabou suscitando alguns sentimentos difusos, de “inveja” como gosta de dizer Edina, mas eles podem ser interpretados

²²Rodriguinho como é conhecido é funcionário público municipal, foi responsável pela setorial do negro na secretária municipal de cultura durante a primeira gestão do PT (2008 a 2012). Foi candidato a vereador por três vezes, em 2012 ficou na primeira suplência vindo a ocupar a cadeira de vereador no período de novembro de 2014 a julho de 2015.

²³Até o momento em que escrevo esta monografia, tanto na Câmara Municipal quanto na Prefeitura não foi encontrado o n° da lei. A informação no setor jurídico da prefeitura é de que fora aprovado, mas não fora nem sancionado nem rejeitado pelo prefeito, cabendo assim ao jurídico do legislativo criar a lei, o que não ocorreu até o momento. O Único que se tem é o estabelecimento pela lei n° 6.097 de 31 de dezembro de 2014, onde além de outras providencias coloca o dia da Umbanda dentro do calendário de eventos do município.

também como falta de entendimento de que “*o que eu faço é em prol da religião, do nosso povo, não é para eu me sobre sair*” (Mãe Nice, Diário de Campo, 24/08/2016).

A visão da importância da religião para o povo de santo fica expressa também nas palavras do Babalorixá Evandro D’Ogum, onde ele diz

O povo da quimbanda, do povo de Exú, não entende que quando a festa é para os santos não pode haver bebedeira, bebida alcoólica, pois o santo não admite, os quimbandeiros ficam achando que nós queremos proibir eles de participar, mas não somos nós é a tradição. (Evandro, Diário de Campo. 18/04/2015).

Percebe-se aqui a hierarquia, ou a tradição hierárquica existente entre as diferentes linhas cultuadas, essa tradição não admite uma quebra de sua harmonia.

A hierarquia nas religiões de matriz africana se dá através dos cargos ocupados dentro do terreiro, obedecendo a ordem que é determinada através do jogo de búzios ou do Orixá dono da casa são intransferíveis. O primeiro é o chefe da casa, pai ou mãe de santo, responsável por zelar pelos Orixás e de iniciar os Abiãs, o segundo é o Alabê, responsável por tocar os atabaques fazer a frente nas cantigas, o Axogum é o filho de Ogum, que é responsável em auxiliar no uso do obé, Egbomei, que são os filhos mais velhos da casa, responsáveis por auxiliar a Yalorixá com os mais novos, os que se coloca como sendo os últimos desta escala são os Iaôs, que tem diferentes tarefas para desempenhar.

Esses cargos fazem parte da escala hierárquica da casa de Mãe Nice, ou como vem sendo discutido neste trabalho, cada casa é um caso. Além destes é possível ver na fala de Evandro que ela existe também quando a festa ou comemoração é referente aos Orixás, pois a participação de outras que não se enquadram nesse caso fica vedada, ou seja, para os exús que são entidades não divinizadas e pertencentes a linha da quimbanda.

Essa tradição está presente inclusive na formação de um Iaô que sempre será guiado por alguém mais velho e o iniciando deverá sempre respeitar essa hierarquia, não pelo simples respeito de um ser mais velho que o outro, mas pelo fato de que as tradições assim dizem, elas são construídas dessa forma, ela a hierarquia faz parte do “segredo” da religião.

O respeito às tradições é parte fundamental para o bom funcionamento da casa ou manter a harmonia entre os diversos espíritos que habitam no terreiro. A minha pouca experiência adquirida nesse ano e meio de pesquisa etnográfica e na fala anteriormente descrita, da Mãe Nice, fazem com que eu interprete como sendo a tradição primeira do Abassá de Xangô e Oxum, a tradição da Umbanda, embora também fique claro, que ela entende que seu Orí pertence aos Orixás, mas foi na Umbanda que se iniciou.

Portanto, nas palavras dela própria “minha casa segue as tradições as quais eu fui formada”, ou seja,

O Pai Nilo tem as suas datas comemorativas e eu tenho as minhas, as únicas que eu comemoro com ele é o Xangô dele, que eu vou a Rio Grande comemorar e a festa de Iemanjá que é ele quem organiza, mas eu sempre toco primeiro para xangô aqui em casa e depois é que eu vou para Rio Grande e no fim do ano em novembro para Oxum. (Mãe Nice, Diário de Campo, 10/11/2016).

As outras datas comemorativas respeitadas pela casa e que remetem as tradições da Umbanda e da Linha Cruzada/Quimbanda são: “13 de maio os pretos velhos, Yabás e todos os Orixás femininos em homenagem as mulheres, as mães; 24 de junho Xangô, São João Batista, 11 de Julho Tiriri seu Exú, 9 de agosto Maria Padilha seu Exú mulher”.

Talvez a que chame mais a atenção seja o treze de maio, pois historicamente é o dia da abolição, uma data que o movimento negro unificado questionou, como sendo uma data que não deveria ser comemorada. Mas ao mesmo tempo põe em cheque essa afirmação, pois se as religiões de matriz africana são tidas como um culto ao passado, um passado não vivido, aos ancestrais, por que então não se comemorar um passado vivo e presente na memória dos afros descendentes?

A resposta talvez esteja na falta de entendimento da capacidade de recriação presente nos cultos religiosos, são recriações que para seus seguidores transformam e fazem compreender que as tradições são importantes, mas que devem respeitar o mundo que está lá fora, seus filhos ou nas palavras de Mãe Nice “*os filhos trabalham por isso só cumprem com as obrigações da casa após cumprirem com as suas pessoais*” (Diário de Campo, 28/10/2016). É a compreensão de mãe com seus filhos, é a família agindo.

No entanto, a fala de Mãe Nice na fase preliminar da pesquisa, onde eu queria saber como era a religião, quais eram as linhas, mais fortes na cidade, Candomblé ou Umbanda e Mãe Nice respondeu “meu filho candomblé é uma coisa umbanda é outra, candomblé é o nosso passado e a história do negro africano que foi escravizado é a nossa raiz”. (Diário de Campo, 20/07/2015)

A fala forte acima, com propriedade sobre o tema se converte na explicação simples que ela traz para definir a sua religião

A nossa religião, a nossa casa é como o corpo humano, o que é o Corpo?; como é composto o corpo?; não é composto de cabeça, tronco e membros?; pernas, pés?; pois é a religião é isso!; a cabeça é dos Orixás, o Orí, o corpo dos Caboclos do povo da mata que conhece as curas, as ervas e os pé dos Exús, o povo da rua, que anda pelas encruzilhadas nos guia. (Mãe Nice Diário de Campo, 07/11/2016)

Ela prossegue, “*se a cabeça não funciona os pés te levam para qualquer lugar, se o corpo está fraco a cabeça alerta, se os pés que te guiam vão mal o corpo deve ser purificado para que as coisas melhorem e a cabeça possa comandar*”. (idem)

Tomei a iniciativa de entregar uma cópia do projeto de pesquisa que resultou neste trabalho, para Mãe Nice, e o que mais chamou sua atenção foi o título ou parte dele, principalmente onde está escrito “Candomblé Angola”, ao ler essas palavras ela me diz, “nós não somos Angola, Angola pura” eu interpretei como sendo por conta de que quando ela “toca” para os Orixás a língua é o Iorubá. Meses depois Mãe Nice me confessa que sua preocupação é com que outros terreiros ou Yalorixás e Babalorixás, possam interpretar como sendo algo pretensioso de sua parte creditar-se como sendo de Candomblé Angola. Mas acredito que a explicação acima defina melhor o que ela quis dizer com não ser “Angola pura”.

Quanto à família ou sentido de família que tantas vezes ouvi durante minhas pesquisas talvez seja o que acabo de escrever, tudo que foi escrito anteriormente, independente do conceito que se queira dar. A família nas palavras de Mãe Nice é: “*família para nós é estarmos juntos, é comemorar junto quando um filho arruma um emprego é ficar triste por que um filho ou irmão está com dificuldade, família é tudo isso, nós estarmos em harmonia com os Orixás e com a vida*” (Diário de Campo, 16/11/2016).

3. 5 - A casa, seus rituais e minhas experiências e sensações

Edgar Rodrigues Barbosa Neto (2012), em sua tese de doutorado “A Máquina do Mundo Variações sobre o Politeísmo em Coletivos Afro-Brasileiros” o autor reflete sobre a frase “cada casa é um caso”. E é dele que tomo emprestado essa frase, na tentativa de refletir não sobre o conceito de casa, como ele mesmo faz, mas para refletir sobre o que é original ou sobre até mesmo em qual tradição cada casa é construída ou é iniciada como venho debatendo até aqui.

A data de vinte e nove de julho de dois mil e quinze alguns parágrafos acima é dada como sendo o início de minha caminhada como pesquisador, mas algum tempo antes já havia aventurando-me nas pesquisas de campo em conversa/entrevista com Evandro. Toda via o dia que considero como sendo o mais importante é o dia vinte e oito de julho do mesmo ano, pois foi nesse dia que eu entrei pela primeira vez na casa de Mãe Nice D’Xangô, encontro com a Yalorixá que justifica esta monografia.



Foto6: Centro Espírita de Umbanda e Afro Reino de Ogum, Abassá de Xangô e Oxum (Ylê Axé Nice D’Xangô), localizado a Rua: Claudino Echevengua Nº 320, Bairro Cerro das Irmandades. Neste endereço desde 2006
Créditos: Nelson Luís Corrêa

Ao entrar na casa de Mãe Nice D’Xangô, já no portão você se depara com os simbolismos que a caracterizam: à sua esquerda no pátio de entrada é possível ver a “Casa do Bará”, à sua direita fica a Casa dos Exús chamada de “Aruanda”, esta tem uma imagem pintada de dois tridentes em vermelho cruzados que representa o cruzamento, tanto da casa quanto o cruzamento da rua, pois é no cruzeiro que Exú vive, ele é do povo da rua é o senhor das encruzilhadas.

Nas casas acima apresentadas ficam o que se chama de assentamentos, no caso dos exús são, vasilhas, imagens, objetos em geral, que simbolizam cada um deles e que moram, vivem na casa. Como eu sei disso, já que o interior desses espaços é tido como secretos? Para que você tenha acesso a tais locais é preciso que você seja iniciado já há bastante tempo ou um tempo mínimo para que possa acessar tal segredo.

Logo que iniciei as visitas regulares a Mãe Nice, já havia percorrido os vinte e dois terreiros brevemente relatados anteriormente. Também, algumas páginas atrás relatei minha experiência junto a um terreiro de Nação Cabinda como abiã. Nesse mesmo terreiro eu tive a

oportunidade de presenciar alguns rituais chamados de “serão”, que nada mais é do que o ritual de sacrifícios de animais.

Tive a mesma experiência no terreiro de Mãe Nice, não existem diferenças, o serão é um ritual é um momento sagrado, onde diversos elementos simbólicos, como animais, frutas, bebidas, ervas, grãos, milho moído em forma de farinha são consagrados. Os animais são aves, de diferentes cores, onde cada cor corresponde a entidade (caso linha do quimbanda), ou as divindades (Orixás), assim é também com os animais de quatro pés. Nesse ritual não há luxo na vestimenta, ou seja, as roupas são o mais simples possível, pois manchá-las de sangue é normal nesses casos.

O ritual começa sempre pelo mierô (banho feito com ervas, onde elementos acima citados passam por este banho). Esse processo inicial em alguns momentos é feito com até três dias de antecedência; principalmente no caso de obrigações para os Orixás. No caso específico o ritual ao qual presenciei foi para uma obrigação oferecida para uma entidade da linha de quimbanda, que foi o Seu Tiriri, que nesta linha ele é quem comanda a casa.

No dia/noite específico são organizados todos os objetos simbólicos que referenciam as entidades, ou divindades dependendo para qual será feito o ritual, onde são usadas as vasilhas, sendo algumas de barro. Essas vasilhas são colocadas, no caso do terreiro da Mãe Nice, sobre lonas já que o local tem seu piso forrado por um tapete vermelho. Os primeiros a serem ofertados são as aves, sua quantidade seu número difere, pois este depende da quantidade de filhos que estejam fazendo as obrigações e também da necessidade individual de cada um.

No caso de ser para as divindades é o chamado “barco²⁴”, que fazem as oferendas nesse ritual ficam em roda de joelhos entorno dos vasilhames cada um com as suas respectivas aves. No momento da oferta, aquele que está ofertando segurará em frente ao vasilhame que contém os objetos simbólicos a sua entidade ou divindade.

Os animais de quatro pés (cabritos) são os próximos a serem ofertados, conforme a necessidade do filho que está ofertando. Todos independentemente de estar ou não cumprindo obrigação participam desse ritual, pois se tornam auxiliares, da Mãe e dos que estão de obrigação. O cabrito entra caminhando, sendo apresentado, tratado com o devido respeito, pois sua importância é igual ao do próprio ritual aqui descrito. Quando de seu oferecimento ele é suspenso até a altura máxima dos ombros não podendo ultrapassar essa altura.

²⁴Devido aos custos, que envolve este ritual, o Barco é um facilitador quando mais de um filho está fazendo obrigação, assim as despesas serão divididas entre todos os que se encontram em obrigação. (Mãe Fany D'Iemanjá, Diário de Campo, 31/07/2015)

Todo esse ritual, após os vasilhames serem organizados, com suas respectivos imagens e objetos simbólicos e em seus lugares definidos, é acompanhada de cantigas e com o toque dos atabaques. Quando os animais começam a serem ofertados e seu sangue (Ejé), que nada mais é do que o axé, a energia vital, oferecido as entidades ou divindades, os filhos mais sensíveis ou com o “dom” mais apurado, sofrem o processo de possessão e cada um que recebe sua entidade ou divindade é saudado com bastante entusiasmo por todos os demais.

Esse ritual aos olhos leigos ou preconceituosos são considerados uma heresia ou maldade para com os animais, porém, posso dizer que nada é perdido ou desperdiçado, todos os animais ofertados na noite do serão servem de alimento na festa que ocorre normalmente na noite de sábado. Essa noite “*é uma noite de comunhão*”, os sacrifícios simbolizam uma oferenda a seu orixá, ou entidade, dependendo do motivo pelo qual o ritual está sendo realizado.

O sangue do animal que é sacrificado, também é considerado uma força vital, não só para o homenageado, mas também para a pessoa que o oferece, é o axé passado através da imagem simbólica da entidade para você é o fazer-se a si mesmo como iniciado ou pessoa é alimentar seu espírito, fortalecer-se para enfrentar os problemas que a vida pode trazer e renovar-se, nascer de novo. Essa é a troca que ocorre entre o filho e sua entidade ou divindade.

Minha pesquisa exigia visitas frequentes à casa de Mãe Nice, em uma destas visitas, ao chegar à casa encontro Mãe Nice terminando um ritual de benzedura. O que me leva até ali não é apenas o dever de pesquisador, mas também o desejo de solicitar que ela joga-se os búzios para mim, o que ela prontamente o fez. E na leitura dos búzios concluo que como pesquisador e não iniciado a troca de energias de diferentes contextos estavam afetando meu desempenho, pois as religiões de matriz africana são culturas que trabalham com energias, forças da natureza.

Na sequência volto à casa de Mãe Nice atendendo a seu chamado, pois haveria uma limpeza, assim eu poderia aproveitar e fazer também. Este é um ritual onde você tem passado por seu corpo diferentes objetos simbólicos relacionados com o santo ao qual está sendo dedicado este ritual. Ao final fui contemplado com uma pulseira de sisal com uma concha pequena que Mãe Nice chamou de “Senzala”, que era para me proteger, uma segurança para minhas andanças.

Passados alguns dias, depois de ter feito o ritual acima descrito, ela me liga perguntando se eu poderia fazer um favor, o que eu prontamente digo que sim, ela solicitasse eu faria o churrasco para o Seu Tiriri, pois “*foi ele quem pediu*” diz, mas eu também tinha que

participar do serão, ritual descrito também anteriormente. Minha participação neste era uma forma de reforçar a limpeza e de “comprometer-me” com a entidade que me ajudara no caso o seu Tiriri. No sábado, então, fui cumprir minha obrigação, que era a de assar todos os animais ofertados na noite de quinta, dessa forma não pude acompanhar a festa, pois naquela noite meu dever era fazer o churrasco. Com o churrasco pronto as Iaôs encarregaram-se de distribuir, as coxas e sobre coxas das aves e as paletas e quartos dos cabritos, para que todos os presentes a festa pudessem comê-los, outras partes destes animais foram utilizadas para fazer outros tipos de alimentos que também foram distribuídos aos participantes os Abiãs.

O trabalho de campo me proporcionou descobertas que somente através da observação participativa seriam realmente possíveis de serem feitas. Já algum tempo venho frequentando o terreiro de Mãe Nice e tenho experimentando sensações próximas ao que a autora Jeanne Favret-Saada, descreve em seu trabalho como “Ser afetado”. Sumariamente, a autora discute questões relacionadas com as dificuldades existentes de se manter distante de seu objeto de pesquisa. São as sensações presentes no título desta monografia. Agora venho narrar outras duas sensações que considero muito significativas, tanto sobre a questão de ser afetado, quanto às surpresas que o campo revela ao pesquisador. Peço permissão, para narrá-las na íntegra, pois só assim será possível entender.

Passados alguns dias a convite de Leandro, filho de Mãe Nice, compareço no terreiro, para assistir à chamada gira de Exú. Nessa noite Mãe Nice me deu a tarefa de cuidar da porta do terreiro, ou seja, abrir e fechá-la quando as entidades chegavam ou tomavam posse do seu “cavalo”, e os mesmos se dirigiam a rua, a casa do Bará e a Aruanda. As incorporações eram praticamente uma atrás da outra, tive que me manter em constante alerta, ficando em pé e com a mão encostada na porta para logo abri-la. Ao manter a mão junto à porta, mas não na maçaneta, por algumas vezes senti como se alguém abrisse a mesma de um golpe. Por vezes acreditei que fosse o vento, contudo, incrivelmente, na noite em questão não ventava, nem mesmo havia qualquer aragem. (Diário de Campo, 01/04/2016).

Algum tempo depois do ocorrido em conversa com Mãe Nice, conto-lhe o ocorrido, ela, rindo de forma expansiva e alegre como lhe é característico diz-me “*isso mostra a força das entidades quando elas vêm chegam com força*” (Diário de Campo, 09/05/2016). Algum tempo depois comento o assunto com Edina, que diz

A porta, o ritual da porta é muito importante, ela te deu essa tarefa por que confia em ti e sabe que tu vais saber fazer, pois pela porta entra as coisas e elas vêm para o bem ou para o mal, o que vem para o mal tira harmonia da casa por isso é importante estar atento na porta, agora se vem para o bem pode deixar chegar. (Diário de Campo, 20/07/2016).

Tanto Mãe Nice como Edina e suas explicações só fizeram com que permanecesse sem entender exatamente o que havia ocorrido naquela noite.

O fato é que o assunto seguiu me incomodando por um bom tempo, a explicação para o que acabo de narrar é encontrada na leitura do artigo “Os tambores dos mortos e os tambores dos vivos. Etnografia, antropologia e política em Ilhéus, Bahia”, de Marcio Goldman (2003), onde o autor narra as suas experiências vividas em campo. Foi ao lê-lo que pude perceber que, provavelmente, eu já não só fazia trabalho de campo eu estava vivenciando o campo, eu estava tendo “uma vocação de desenraizamento, uma formação para ver o mundo de maneira descentrada, uma preparação teórica para entender o ‘campo’ que queremos pesquisar, um se ‘jogar de cabeça’ no mundo que pretendemos desvendar”. (URIARTE, 2014, p. 03)

O segundo fato e mais surpreendente, ainda diz respeito a outro ritual de “serão” para Exú. Nessa noite eu fui pego de surpresa, pois Mãe Nice, ao formar a roda para as aves que seriam ofertadas chamou-me para segurar uma, o que fiz, mas meio sem entender, afinal ali não me sentia como alguém que pudesse fazer o que estava fazendo, eu não era um iniciado. Este estranhamento, conforme o ritual descrito em um parágrafo anterior deve-se a que tal ritual participa apenas os iniciados ou em processo de iniciação o que não é o meu caso ou eu pensava que não.

Uma vez mais me peguei atônito por vários dias, pois o ocorrido me incomodou. Mãe Nice dias depois me diz o seguinte “que ela fez o que tinha feito, por que confiava em mim, sabia o que estava fazendo” (Diário de Campo, 10/08/2016). Ao ler Favret-Saada, quando fala sobre as experiências vividas por ela durante as pesquisas sobre feitiçaria no Bocage, onde dá esta explicação sobre o mesmo estranhamento que eu tive. Diz Fravet “na verdade, eles exigiam de mim que eu experimentasse pessoalmente por minha própria conta - não por aquela da ciência - os efeitos reais dessa rede particular de comunicação humana em que consiste a feitiçaria”. (SAADA, 2005, p. 157)

Essa frequência junto ao terreiro de Mãe Nice, fez-me questionar: será que não estou participando “demais”? Creio que Saada (2005) e Uriarte (2014) dissiparam estas dúvidas e me levaram à conclusão, de que sim, eu estava participando de mais só que para todos que tem relação com a casa eu já não era mais um mero pesquisador, a barreira fora quebrada, virei um entre os outros, por tanto fui iniciado e por isso tive acesso a alguns espaços e rituais da casa.

Pode-se descrever a casa da Mãe Nice como uma casa aberta, tanto para consultas aos búzios quanto para você participar dos rituais. Alguns rituais são fechados, fui convidado muitas vezes na condição de pesquisador ou que supunha-se que eu fosse, mas com o tempo passou a ser uma participação como alguém que já é iniciado, ou em fase de ser. A vida do terreiro durante a semana é corrida, se você quiser consultar ou receber uma benzedura, precisa marcar com tempo, pois Mãe Nice muitas vezes tem compromissos que exigem sua presença.

A história de Mãe Nice se confunde com a história da cidade, como fica claro. Além disso, os processos de iniciação tanto da casa como dela própria respeitam as tradições as quais ela teve acesso, portanto creditar esta ou aquela tradição como a mais original é desrespeitar a total autonomia que as diferentes casas possuem, ou seja, é não aceitar que cada casa é um caso ou que as tradições podem ser ressignificadas dentro do espaço território que é o terreiro ou como diz Mãe Nice *“se na senzala conviveram as diferentes nações escravizadas e elas cultuaram suas divindades juntas porque agora que somos livres devemos nos separar”*. (Diário de Campo, 30/12/2016)

CONSIDERAÇÕES

Esta monografia nasce de uma necessidade de ter que escolher um tema para justamente encerrar um ciclo, ou seja, meu primeiro *decá*. Com o tempo, com o avançar nas primeiras entrevistas vimos, eu e minha orientadora, que era prudente reduzir tanto o tema quanto o espaço, por isso e por já ter certa proximidade com Mãe Nice decidimos que deveria ser feito o recorte justamente no terreiro dela. Nesse sentido, o que nascera da dúvida de quantas casas de religião existe na cidade de Jaguarão tornou-se um estudo de caso, com base nas teorias etnográficas e seus métodos aliados a um estudo histórico a respeito da religião e da trajetória da Mãe Nice, tanto nos aspectos religiosos quanto seu envolvimento político em questões relacionadas à situação dos afrodescendentes.

Para além destes, minha pesquisa tentou entender o sentido de família que tanto ouvi falar durante minhas visitas a diferentes casas, assim como verificar a existência de uma hierarquia e por fim como funciona a casa, suas linhas e seus significados. Portanto é preciso entender que cada casa é um caso, seus responsáveis ou “zeladores de santo” na interpretação de Mãe Nice são responsáveis por manter viva e ativa as lembranças, de um passado tantas vezes negado.

Minha orientadora me perguntou o que eu vejo na religião? Minha resposta está baseada na visão de quem viveu intensamente o trabalho de campo, ou seja, o que eu vi e vivi durante esses dois anos de pesquisas, fizeram com que eu percebesse que o universo cosmológico religioso nasce sempre no passado, seus Orixás são antepassados divinizados, suas entidades são seres que viveram na terra, um dia desfrutaram da forma humana e sabem como enfrentar os problemas do presente, pois eles já os vivenciaram, já os enfrentaram.

É por esses aspectos, característicos das divindades e das entidades, que minha resposta para a pergunta geral deste trabalho é de que não existe uma originalidade e todas as vertentes são originais, pois o que dá essa originalidade, a elas são os diferentes contextos históricos vividos pelos afrodescendentes, e a religião, suas transformações são fruto das estratégias que os negros adotaram para enfrentar as mudanças históricas por eles vividas. As religiões de matriz africana são no meu entendimento, uma forma encontrada pelo negro, de manter vivo na memória o seu passado, de lutas, de resistência e de comemorar a liberdade, e através do relembrar este passado buscar alternativas para enfrentar o dia a dia, de perseguições, de desrespeitos, de intolerâncias e de criminalização de seus sentimentos de fé.

Estes últimos parágrafos representam um pouco a síntese desta monografia, por isso não são parágrafos, que concluem ou que finalizam, eles tecem considerações, pois o tema

aqui abordado é bastante amplo e por mais que queiram branquear a sociedade brasileira, gaúcha e jaguareense os diferentes terreiros existentes de norte a sul fazem lembrar que o negro e sua religião estão presentes na vida do país.

REFERÊNCIAS

ALADRÉN, Gabriel, **Sem respeitar fé e tratados: escravidão e guerra na formação histórica da fronteira sul do Brasil (Rio Grande de São Pedro, c. 1777-1835)** - 2012. Tese (Doutorado) - Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História. Disponível em <http://www.historia.uff.br>

CAPUTO, Stela Guedes; PASSOS, Mailsa. **Cultura e Conhecimento em Terreiros de candomblé – lendo e conversando com Mãe Beata de Yemonjá**.ISSN 1645-1384 (online) WWW.curriculosemfronteiras.org. Currículo sem Fronteira, v.7, n. 2, p. 93-111, Jul/Dez. 2007. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.

CARNEIRO, Edison. **Os Cultos de Origem africana no Brasil** – separata.Ministério da Educação e Cultura – Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro, 1959;

CASTILLO, Lisa Earl. Entre a oralidade e a escrita. A etnografia nos candomblés da Bahia. Salvador; EDUFBA, 2010 – p. 231;

FAVRET-SAADA, Jeanne, **Ser afetado**; Cadernos de Campo nº 13: p. 155-161. 2005;

GOLDIMAN, Marcio. **Os Tambores dos Mortos e os Tambores dos Vivos. Etnografia, antropologia e política em Ilhéus, Bahia**. Revista de Antropologia. São Paulo, USP, V. 46 nº 02 – 2003;

_____, Marcio.**Cavalo dos Deuses: Roger Bastide e as transformações das religiões de matriz africana no Brasil**. Revista de Antropologia. São Paulo, USP, V. 54 nº 01 – 2011;

_____, Marcio.**O Dom e a Iniciação Revisitados: o Dado e o Feito em Religiões de Matriz Africana no Brasil**. Revista Maná nº 18 (2) p. 269-288. 2012;

LIMA, Andréa da Gama e AL-ALAM, Caiuá Cardoso; **Territórios negros em Jaguarão: Revisitando o Centro Histórico**; in Ensino de História no Cone Sul - Patrimônio cultural, territórios e frontex'ira/organizadoras: Alessandra Gasparotto, Hilda Jaqueline de Fraga e Maria Aparecida Bergamaschi – Porto Alegre: Evan Graf/UNIPAMPA Jaguarão, 2013 - p.262 – 265;

NETO, Edgar Rodrigues Barbosa.**A Máquina do Mundo Variações sobre o Politeísmo em Coletivos Afro-Brasileiros**. Rio de Janeiro, PPGAS – MN/UFRJ, 2012. Tese de doutorado – Universidade Federal do Rio de Janeiro;

ORO Ari Pedro; O atual campo afro-religioso gaúcho-Porto Alegre, Civitas, v. 12, nº 3 - p.556-565. 2012.

PARÉS, Luís Nicolau,**A formação do Candomblé; história da nação JEJE na Bahia**. 2ª ed. Ver. – Campinas, SP, Editora da Unicamp, 2007;

PEIRANO, Marisa. **A Favor da Etnografia** - Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

RABELO, Miriam C. M. e SANTOS, Rita Maria Brito; **Notas Sobre o Aprendizado no Candomblé** - Salvador, Revista da FAEEBA - Educação e Contemporaneidade, V.20, p. 187-200. 2011;

DA ROSA, Alzemiro Gonçalves, **A voz popular: O Cerro da Pólvora nas décadas de 1960-1970 em Jaguarão**. 2015. Disponível em UNIPAMPA, Campus Jaguarão Curso de História Licenciatura;

SANSÍ, Roger, **“Fazer o Santo”; dom, iniciação e historicidade nas religiões afro-brasileiras**. Análise Social, Vol. XLIV (1º), p. 139-160. 2009;

SOARES, Eduardo Alvares de Souza; FRANCO, Sérgio da Costa. **Olhares Sobre Jaguarão** - Porto Alegre, Ed. Evan Graf. 2010;

SOUZA, Daiane; **Centenários Negros: Joãozinho da Goméia**, publicado em 27 de março de 2014. Disponível em <http://www.palmares.gov.br/>

URIARTE, Urpi Montoya. **O que é fazer etnografia para os antropólogos**, Ponto Urbe (Online) 11/2012, posto online em 14 de Março 2014, consultado 21 de Novembro de 2015. URL: HTTP//ponto urbe. revues.org/300; DOI; 10.4000/ponto urbe. 300;

VERGER, Pierre Fatumbi. Orixás. Salvador: Corrupio, 2002.